

OFICINAS CULTURAIS

OC

OFICINAS
CULTURAIS
DO ESTADO DE SÃO PAULO

100 ANOS **20**
PAGU MULHER

#01
JULHO
2010

www.oficinas culturais.org.br

GESTÃO **CULTURAL 14**

PATRIMÔNIO 18

FOTOGRAFIA **DIGITAL 22**

PROGRAMAÇÃO **JULHO 2010**

ENTREVISTA
MARTIN GROSSMAN FALA DA FORMAÇÃO
PARA QUEM QUER ATUAR EM CULTURA



4

ARTES VISUAIS
EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS
TRANSFORMAM ESPAÇOS URBANOS



8

TEATRO
AS DIFICULDADES PARA QUEM ATUA
COMO ATOR AMADOR



12

GESTÃO CULTURAL
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO É
INDISPENSÁVEL



14

PATRIMÔNIO
É PRECISO PREPARAR PROFISSIONAIS
PARA PRESERVAR A HISTÓRIA



18

PERFIL
AS MÚLTIPLAS FACETAS DE
PATRÍCIA GALVÃO, A PAGU



20

FOTOGRAFIA
A ARTE REGISTRADA POR MEIO DE
CÂMERAS DIGITAIS



22

LITERATURA
ESCRITORES DA ÁFRICA PORTUGUESA
MOSTRAM SEU ESTILO



26

ATITUDE
MOVIMENTO HIP-HOP CONQUISTA O
INTERIOR PAULISTA



28

MODA
CONCEITO WEARABLE HOME UNE O
MORAR E O VESTIR



30

PROGRAMAÇÃO
OS DESTAQUES DAS OFICINAS CULTURAIS
NO MÊS DE JULHO



31

CAPA
FOTO ACERVO GERALDO GALVÃO FERRAZ
RESTAURADA POR NASHA GIL



01

SINTONIA COM A PRODUÇÃO CULTURAL

As Oficinas Culturais do Estado de São Paulo existem há mais de vinte anos. O projeto começou em 1986, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, no espaço que hoje é dedicado a Oswald de Andrade. No decorrer do tempo, foi se espalhando pelo Estado inteiro. Hoje conta com 21 sedes (seis na capital e quinze no interior) e oferece quase 5 mil atividades por ano, oferecendo cerca de 100 mil vagas e atingindo mais de 600 municípios. São números significativos. Um projeto desses precisa se renovar continuamente. As práticas artísticas mudaram muito nos últimos anos, e igualmente mudaram os métodos e os processos pelos quais o conhecimento é transmitido e difundido.

As ferramentas de difusão cultural em que as Oficinas Culturais foram pioneiras (cursos livres de arte, atividades de formações de público, laboratório de experimentação de novas linguagens) foram se multiplicando e diversificando, inclusive em instituições tradicionais de ensino, como as universidades.

Paralelamente, a infraestrutura cultural paulista cresceu enormemente, tornando necessária a formação de novos tipos de profissionais. Surgiu também um perfil diferente de público. O desafio é renovar estruturas, métodos e conteúdos sem renunciar à abrangência e à experiência que foram alcançadas ao longo de nossa história.

Esta revista quer ser um dos instrumentos dessa renovação: uma maneira de pensar em voz alta, mas também de pensar junto. Um exemplo é a reportagem sobre a gestão cultural, tema de um seminário programado para ocorrer em julho, em Campinas. O texto mostra a importância de o gestor cultural ter, além de sensibilidade artística, conhecimentos de administração e planejamento estratégico para viabilizar projetos culturais. Esta publicação, em sua primeira edição, revela um jeito novo de observar esse processo acelerado de crescimento e renovação cultural, nas variadas formas em que ele se manifesta.

Lorenzo Mammi

Diretor-executivo da Associação Amigos das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo

EDITORIAL

FORMAR É PRECISO

IRACY PAULINA

COM LARGA EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE GESTÃO CULTURAL, MARTIN GROSSMANN FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE NOVOS QUADROS NESTA ÁREA

4 ENTREVISTA

Martin Grossmann deu os primeiros passos em sua trajetória no terreno da gestão cultural na década de 80, como monitor e assistente de curadoria na Bienal Internacional de Artes de São Paulo de 1983.

Esteve à frente de importantes instituições de Artes do país, como o Centro Cultural São Paulo, que comandou de 2006 até maio deste ano. Como professor titular da Universidade de São Paulo (USP), também se dedica à pesquisa e a estudos nas áreas de curadoria, mediação e política cultural, museologia, crítica, teoria e história da arte e arquitetura. Essa experiência o levou a criar, em 2003, em parceria com Joachim Bernauer, então diretor de cultura do Instituto Goethe, Fórum Permanente: Museus de Arte, entre o Público e o Privado. Trata-se de uma plataforma de mediação cultural que Martin Grossmann classifica como uma organização flutuante: um híbrido de laboratório, fórum, museu, centro de referência e arquivo. Recentemente, o Fórum Permanente ganhou status de associação e estabeleceu parcerias com a Pinacoteca do Estado, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, bem como com o Ministério da Cultura e a Fundação Iberê Camargo. “Desenvolvemos

trabalhos sempre em parceria, criando novas relações ou refazendo relações entre as instituições e os produtores de arte, sejam curadores, artistas ou gestores no campo da arte”, explica. Nessa entrevista, Grossmann fala sobre a formação de novos quadros de gestão cultural.

Por que é importante investir na formação de agentes de cultura?

Atualmente, a gestão cultural é uma complexidade porque entraram no cenário diversos processos, situações mutantes e outras formas de produções artística e cultural que requerem o desenvolvimento de ações culturais pautadas principalmente em processos de mediação crítica que permeiam as várias etapas de sociabilização de uma criação artística, desde sua ideação até sua exposição e conservação. Isso se deve ao fato de a arte e a cultura estarem mais sujeitas a interferências externas, e de termos novas formas de comunicação e de gestão de informação. Isso certamente exige dos agentes culturais uma atuação polivalente, um conhecimento não só especializado como também panorâmico das condições e dos processos artísticos e culturais em jogo.



Foto: Vagner Campos

De que maneira?

Antes, estava mais definido quem era quem no universo da cultura, seguindo uma tradição que vem do Iluminismo. Você tinha o especialista, por exemplo, no caso das artes visuais, em pintura, em escultura etc. Hoje, os papéis são mais fluídos, negociam com cada situação, relacionam-se mais criticamente com o contexto e também com o formato institucional. De um lado, estamos mais atentos às propriedades e aos campos de ação cultural de um museu de arte, de um centro cultural, de uma bienal ou de uma galeria de arte. De outro lado, sabemos também que o Museu de Arte Moderna de Nova York é diferente do de São Paulo, da Bahia ou o do Recife. Então, para desenvolver sua atividade, o agente cultural precisa, entre outras coisas, levar em conta o contexto de cada uma dessas instituições, conhecer suas histórias, suas genealogias e buscar formas de interação com um público cada vez mais exigente e diversificado.

Quais as implicações disso?

Em primeiro lugar, a formação de novos quadros na gestão cultural precisa estar atenta a essas diferenças, a essas mudanças, bem como à relação entre o local e o global, entre a cultura material e a cultura na virtualidade. Fazemos parte de uma esfera pública conectada e global, como proposta pelo advogado e professor de Harvard Yochai Benkler. Nessa condição, quase sem fronteiras, de encurtamento de distâncias, de acesso a múltiplas camadas de informação, o agente cultural é um agente político, um navegador, que precisa, de um lado, desenvolver estratégias, planejar, e, de outro, relacionar-se criticamente com essa realidade multidimensional ao colocar em prática, constantemente, novas táticas, formas de relacionamento novas ou renovadas. Se no século XX o agenciamento cultural já apresentava uma complexidade muito distinta da do agenciamento do século XIX, hoje navegamos, estamos imersos na complexidade formada por esferas de conhecimento e culturas plurais, que estão conectadas, inter-relacionadas, criando essa esfera pública global. Por isso, a formação tradicional compartimentada não dá mais conta de formar um profissional que precisa atender à demanda socio-cultural da atualidade. Imagine: estou em São Paulo, que já é um polo global, e no meu dia a dia estou em contato com outras distintas realidades culturais. Como posso comparar minha experiência aqui com outras que ocorrem em realidades paralelas? As formas universais de arte e cultura, diante desse quadro, certamente passam por uma revisão crítica permanente. Estão em estado de alerta.

O que precisa, então, entrar na pauta do dia da formação dos gestores?

O que mais me inquieta hoje em dia são certas premissas que precisam ser desconstruídas, principalmente nestes últimos anos. Tive o privilégio de desenvolver uma plataforma de mediação inovadora como o Fórum Permanente e também de estar à frente de um processo de renovação institucional como o do Centro Cultural, onde se colocou em prática um novo organograma, um novo sistema operacional para essa instituição. Eu vejo que há uma urgência em rever conceitos, como o da primazia da educação em processos de mediação cultural. A prática já demonstra que, quando se trata de cultura, precisamos inverter essa ordem: falar mais de mediação do que de educação. Hoje ainda se insiste na ideia de que um museu, um centro cultural, uma bienal precisam ter um departamento educativo que desenvolva um programa de ação educativa. Isso ainda segue o modelo eurocêntrico, que hierarquiza as relações no interior da instituição. A instituição ensina o outro, ou seja, o outro sempre está sujeito ao poder representado pela instituição, seja ela qual for. No Centro Cultural São Paulo, colocamos em ação uma mediação crítico-criativa objetivando potencializar ações culturais dialógicas com o público. Crítica ao senso comum que protagoniza a educação nas mediações culturais, a nova divisão de Ação Cultural do Centro Cultural tem, em sua autonomia, procura constituir uma outra dimensão de relacionamento não só com os públicos existentes bem como procurando alcançar novos usuários para essa mutante plataforma artístico-cultural que é o Centro Cultural.

Como esse modelo funciona?

É uma mediação que leva em conta o contexto, a genealogia da instituição. O agente cultural precisa considerar as características próprias e singulares da instituição com a qual está lidando. Neste caso, o do Centro Cultural São Paulo, o mediador inevitavelmente deve levar em conta que a instituição tem em sua base um complexo de bibliotecas (a terceira maior biblioteca do Brasil), que inclui, além de bibliotecas mais tradicionais, um acervo em braille, uma gibiteca e uma discoteca criada a partir da política cultural de Mário de Andrade nos anos 1930. Abriga também quatro coleções de importância local e regional, espaços expositivos e um complexo de salas de espetáculos, tudo isso embalado em uma estrutura arquitetônica única, que se destaca não só pela maneira como se integra no espaço urbano, mas

também pela forma como recebe seus usuários: sem barreiras, convidando quem passa a entrar e participar de sua vida sociocultural. O edifício, dotado de imensos espaços vazados e envidraçados, banhados por luz natural, promove naturalmente uma intensa interação do público com seus variados ambientes e atividades. Então, a mediação precisa levar em conta esse contexto e essa situação, problematizando sua prática e seus referenciais teóricos. Por exemplo: como o Centro Cultural opera hoje, como poderia operar melhor, como desenvolve ações participativas e como aferir a noção do público quanto às suas ações.

Qual é a diferença?

Esse processo de crítica institucional intrínseca à prática cultural—como o que vem sendo desenvolvido no Centro Cultural e no Fórum Permanente—evidencia a diferença entre uma ação cultural pautada pela mediação crítico-criativa em contraposição à ação educativa, esta última por demais compromissada com o legado das metodologias educacionais que foram desenvolvidas seguindo parâmetros de marcantes processos de dominação cultural. A ação educativa ainda respeita a hierarquia das coisas: a instituição detém o saber e aquele que domina passa esse saber a quem visita essa instituição. Nessa relação de poder, o visitante ainda está em segundo plano. Já na mediação crítico-criativa, o agente de cultura deve sempre procurar estabelecer uma relação de paridade, de complementariedade com o sujeito ou os coletivos que ocupam os espaços da instituição. Os visitantes, em sua diversidade e qualidade, são elementos que modelam as ações culturais, e não meros receptores. Nessa interação, os espaços viram ambientes, cria-se pertencimento.

Como formar um profissional que combine com esse perfil?

É importante que a teoria esteja próxima da prática. Os responsáveis por essa formação precisam ter experiência no campo da cultura e da arte. Creio que talvez o melhor modelo de formação do gestor cultural seja o de uma pós-graduação, depois de uma carreira inicial na área, para adquirir saberes culturais. Outra ideia seria investir em um modelo como o que existe na Inglaterra, que eles chamam de graduação combinada. Lá, a pessoa pode começar o curso de História e terminá-lo em outra área. Um exemplo seria o de uma formação voltada ao jornalismo cultural: o estudante começaria no curso de Jornalismo depois terminaria fazendo uma formação em cultura.

Existe alguma iniciativa como essa no Brasil?

A Universidade de São Paulo, na sua Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) tem uma área dedicada à ação cultural desde os anos 1980, mas que foi perdendo peso. Um dos problemas que ela tem enfrentado é que o contexto acadêmico continua baseado numa estrutura disciplinar, ou seja, avessa a processos interdisciplinares. Numa universidade é muito difícil trabalhar na transversal. E a formação de um agente cultural precisa ser inevitavelmente na transversal. Embora ele deva ter uma formação numa área específica, precisa transitar nos saberes de várias áreas para que consiga elementos que lhe permitam operar em contextos diversos, de maneira crítica e criativa, o desenvolvimento de processos de mediação inovadores. Exemplo: um dos grandes problemas ainda hoje é achar que na cultura quem é inovador é o artista, ou o diretor de uma companhia de teatro, ou um curador. Inovador também pode ou deve ser o gestor cultural.

Como podemos incorporar a inovação em projetos de gestão cultural?

No Centro Cultural São Paulo, convidamos artistas para gerenciar projetos, para dirigir as novas divisões de Curadoria e de Ação Curatorial. Com isso, a instituição, no mais saudável e natural processo de antropofagia, apropria-se desse saber, dessa experiência singular. A instituição deve ser um lugar para esses encontros e trocas de experiências distintas.

Qual é a importância dessa troca de experiências na prática?

A formação não se dá apenas na teoria, mas também na prática, no maior convívio desses novos quadros com as instituições e os ambientes culturais. Esses novos profissionais precisam participar ativamente de processos de mediação cultural.

Em matéria de cursos de formação de agentes culturais, qual é o cenário atual no país?

São pouquíssimos os cursos de gestão cultural. Em São Paulo há muito agente cultural trabalhando, mas qual é a formação? Certamente, eles não vêm de cursos de gestão cultural. A USP até hoje não conseguiu fazer um curso de gestão cultural, apesar de contar com grande número de pessoas que pensam e atuam nesse âmbito. Esse é um dos grandes desafios hoje. Mesmo dentro de cursos mais tradicionais, como Co-

municação e História, a gestão cultural deveria estar mais presente, ainda que fosse como uma especialização ou uma pós-graduação.

Algum modelo no exterior poderia nos inspirar?

Nas artes visuais, o curso de curadoria do Royal College de Londres, que, desde o início, esteve associado à Tate Gallery. Creio que é um modelo interessante. A universidade sozinha não dá conta de formar esse profissional que o mercado precisa. Não apenas na formação inicial de gestores, mas na formação continuada, que também é muito importante.

De que forma o Fórum Permanente contribui para a formação de agentes de cultura?

O Fórum Permanente: Museu de Arte, entre o Público e o Privado é uma plataforma de mediação conduzida por processos curatoriais. Não só desenvolve nossos próprios programas, como trabalha, principalmente, parceria com instituições e agentes culturais. Inclusive trabalha na cobertura crítica de importantes eventos na esfera da relação das instituições de arte com a sociedade. Exemplo disso foi uma parceria feita com a Pinacoteca, em 2005. Eles organizaram com o CIMAM/ICOM (Comitê Internacional de Museus de Arte Moderna e Contemporânea do Conselho Internacional de Museus) um encontro com os principais diretores de museus de arte do mundo todo. Era para ser fechado. Mas, com a infraestrutura em rede do Fórum Permanente, em parceria com o Centro de Computação Eletrônica da USP, fizemos um webcast deste evento. Ou seja, via internet, fizemos a transmissão online de apresentações e debates, abrindo assim o evento para um público bem mais amplo. Isso tudo acompanhado por jovens escritores de arte, que por meio de relatos críticos publicados no site, nos ajudam a pontuar criticamente todos os eventos que produzimos ou de que fazemos a cobertura. Há uma área no site onde disponibilizamos dossiês sobre os eventos dos quais participamos e de outros temas do campo da arte. Temos também dossiês das principais crises institucionais que assolam nosso campo cultural, como o da Bienal de São Paulo, o do Masp (Museu de Arte de São Paulo), o do MuBE (Museu Brasileiro de Escultura), entre outros. É um banco de informações que visa auxiliar na formação de agentes culturais, possibilitando uma interação crítica com um contexto cultural mais rico e plural.

GALERIAS A CÉU ABERTO

INTERAÇÕES E INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS
TRANSFORMAM A
PRÁTICA SOCIAL DO
ESPAÇO URBANO
EM EXPERIÊNCIAS
SIGNIFICATIVAS

GLYCIA EMRICH E
MELISSA LENZ

ARTES VISUAIS 8

Interagindo com a cidade, a arte contemporânea busca constantemente um encontro com o simbólico entre a imagem artística, o espaço social urbano e os cidadãos.

Um dos grandes desafios dos artistas atuais que têm atuado nas ruas das cidades é realizar trabalhos que possibilitem a melhoria da convivência social, transformando os significados dos espaços construídos. A intervenção urbana é capaz de democratizar a arte, aumentar o grau de visibilidade do trabalho e de interatividade com os cidadãos que habitam o espaço, sempre dialogando com os indivíduos, o fluxo urbano, o coletivo, o trânsito, a arquitetura, a paisagem, o clima e a cultura em que os espaços públicos estão inseridos.

Foi a esse desafio que se lançou a artista plástica Mônica Nador, integrante de um grupo de artistas brasileiros que resolveram trabalhar muito além das paredes das galerias e partiram para as periferias das metrópoles. Depois de pintar casas no México, em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e em algumas

cidades do interior do Nordeste, ela resolveu focar um bairro periférico de São Paulo. Em 2004, com a ajuda de outros artistas e de moradores do Jardim Miriam, Mônica fundou o Jardim Miriam Arte Clube (Jamac). Percebeu, naquele momento, que era a hora de dividir todo o seu conhecimento com quem não tivera oportunidade de frequentar as escolas de arte. “Senti que precisava viver na periferia para que os moradores se integrassem ao projeto. Eu queria fazer o projeto Paredes Pinturas com gente do bairro. Então abri o Jamac, um espaço de experimentação cultural e artística, e comecei a dar aulas de estêncil para o pessoal da comunidade”, conta a paulista, que vai participar de um debate sobre arte contemporânea organizado pela Oficina Cultural Altino Bondesan, em São José dos Campos.

O Jamac, misto de berço de criações artísticas, espaço de convivência e de debates políticos e culturais, é um verdadeiro ateliê aberto disponível para a população local. Palestras e oficinas, depois da sua criação, começaram a fazer parte da vida corrida de

quem sempre esteve distante das instituições formais de arte. E o resultado não poderia ser outro: intervenção em moradias de quem há muito tempo vivia no bairro. Com máscaras de acetato cobertas de tintas coloridas criadas dentro do Jamac, ela e os moradores do bairro transformaram as poluídas e tristes paredes externas das casas locais em imagens esplendorosas. Assim, a arte se integrou à realidade diária de cada frequentador da região. Essa troca entre artistas e população trouxe outra cara para a paisagem: uma nova identidade para o Jardim Miriam, na Zona Sul da cidade.

SUTILEZAS

Esse diálogo entre a arte contemporânea e o espaço da cidade também se dá por outras formas de intervenções urbanas, às vezes muito sutis para quem observa, mas carregadas de significado. Sylvia Furegatti, artista plástica, professora do Departamento de Artes Plásticas da Unicamp na área de Escultura e doutora em História da Arquitetura e Urbanismo

pela FAU-USP, resolveu usar o som como intervenção e interação urbana entre centro e periferia da cidade de São José dos Campos.

O Bula de Intenções n. 03, promovido em parceria com a Oficina Cultural Altino Bondesan, fez um percurso aberto pela cidade com 3 veículos que percorreram um circuito urbano ligando dois pontos da cidade do Vale do Paraíba pela arte. Os carros, com alto-falantes ligados, levavam um texto com referências sobre o papel do artista na sociedade, sobre a condição da arte hoje e de seus elementos de reconhecimento. “O projeto inaugurou os trabalhos do grupo Pparalelo e foi criado com a premissa de realizar pequenas ações artísticas que dialogassem com novos públicos, para a arte contemporânea”, explica a autora. “O trajeto, entre o centro e a periferia, a verificação de gentilezas na arte atual, faz parte dos mecanismos dos novos encontros, das novas descobertas que são possíveis para a arte”, diz ela, que vai coordenar uma intervenção artística na cidade, dentro da programação da Oficina Cultural.



INICIATIVA DO JARDIM MIRIAM
ARTE CLUBE, FUNDADO POR
MÔNICA NADOR

Foto: Lalo de Almeida | Fothapress



CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS

Há oito anos o morador do Copan, marco da arquitetura paulistana projetado por Oscar Niemeyer, o artista plástico Maurício Adinolfi resolveu, em 2009, se apropriar da fachada do prédio. Com a instalação e intervenção artística *Sobre Mar, Madeiras e outros Animais*, ele trouxe para a cidade sua experiência com o mar. "Pensei numa forma de a arte estar e se realizar nessa intersecção entre a cidade e o ser humano, em explorar essa relação do coletivo e o indivíduo, o público e o privado", explica ele. A obra acontece quando o transeunte passa por ela. "A estrutura da obra é a própria obra, não escondo essa estrutura. Não há algo por trás, uma sustentação artificial, uma narrativa para ela. Toda sua matéria é ela, os cabos de aço, os encaixes de madeira, os ganchos. É a transparência radical da ação. Pensamento e ação atualizados, visíveis no mesmo ato material", expõe Adinolfi. E para completar essa interação entre cidade e homem, o artista fez questão de utilizar objetos recicláveis encontrados nas vias urbanas.

Esses exemplos de projetos mostram que a arte contemporânea e o espaço urbano devem caminhar juntos. "Explodindo o suporte, ganhando o espaço circundante, construindo ambientes, abrindo-se à participação do espectador, a arte contemporânea conquistou um território antes restrito à arquitetura e ao urbanismo, tanto em temática como em escala, misturando-se a ele. Liberada, porém, de qualquer compromisso restaurador ou edificante, e podendo assumir, ao contrário, um ângulo essencialmente crítico e negativo", explica Guilherme Wisnik, arquiteto e mestre em História Social pela USP. A arte contemporânea como intervenção urbana é e será ponto fundamental no processo de reconfiguração urbana. Intervir é interagir. É tornar a obra parte do meio. É conhecer a cidade e seus atores.

ACIMA
VEÍCULOS NA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA
BULA DE INTENÇÕES N.º 03, DE
SYLVIA FUREGATTI OCORRIDO NA OFICINA
CULTURAL ALTINO BONDESAN

À DIREITA
INSTALAÇÃO SOBRE MAR, MADEIRAS E OUTROS
ANIMAIS, DE MAURÍCIO ADINOLFI



PARTICIPE!

CICLO DE PALESTRAS SOBRE
ARTE CONTEMPORÂNEA

MANIFESTA 2010

1/7 a 2/7, 19h/22h

Local: Auditório do Sesc

São José dos Campos.

Avenida Adhemar de Barros, 999,
Jardim São Dimas.

COORDENAÇÃO

COLETIVO NÚCLEO, FORMADO
PELOS ARTISTAS PLÁSTICOS
ANA MARIA BOMFIN PITIU,
GIANCARLO RAGONESE E
LINDSAY RIBEIRO

Inscrições até 30/6.

130 vagas.

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

MONITORIA ESPONTÂNEA

12/7 a 16/7 (14h/18h; em 12/7,
também das 8h/12h)

Local: Praça Afonso Pena.

COORDENADORA SYLVIA FUREGATTI

Inscrições até 8/7.

130 vagas.

OFICINA CULTURAL
ALTINO BONDESAN
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Outros destaques

VER PÁG. 34

O PRAZER DE REPRESENTAR

QUEM PRODUZ ESPETÁCULOS AMADORES
TEM OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR DO
PROCESSO ARTÍSTICO COMO UM TODO,
DO ROTEIRO À DIREÇÃO



Foto: Companhia de Teatro Quartum Crescente

ATORES DA COMPANHIA DE TEATRO
QUARTUM CRESCENTE, DE MAUÁ (SP)



12 TEATRO

RACHEL SCIRÉ E ELISABETE MACHADO

Um dos papéis mais importantes do teatro amador é descobrir talentos. Quem se propõe a encarar esse desafio precisa estar disposto a vencer uma espécie de corrida de obstáculos. Não é uma jornada fácil, como atestam os integrantes do grupo Arroz com Feijão, de Osasco, na Grande São Paulo. Criado há cinco anos por sete colegas que frequentavam a Escola de Artes de Osasco, da Secretaria de Cultura do município, a trupe já participou de festivais e conquistou prêmios de direção, ator e atriz. Nem por isso a vida ficou mais tranquila. As dificuldades incluem desde a busca por locais para se apresentar até a conciliação da rotina de ensaios, pois seus integrantes possuem outros compromissos. Dos sete integrantes iniciais, apenas três continuam insistindo no sonho. "Ainda hoje fazemos ensaios no meu apartamento, sempre nos feriados e finais de semana", diz Felipe Scalco, um dos que persistem na experiência.

O caminho para quem deseja se firmar no palco antes de ser profissional é, sim, árduo, mas muito rico. "O teatro amador é um momento de descoberta, um marco para a pessoa que descobre uma paixão e busca se encontrar naquilo", diz o escritor, dramaturgo e diretor de teatro

Walner Danziger. O teatro amador é enriquecedor pelo fato de oferecer a seus integrantes a chance de se envolver com o processo artístico por completo. "Os papéis de roteirista, operador de som, iluminador e figurinista se intercam-biam entre eles", explica Danziger, que coordena um dos cinco workshops que compõem a VIII edição do Festivalpi, festival de teatro amador promovido pela Oficina Cultural Alfredo Volpi, localizada no bairro paulistano de Itaquera. Outro ponto importante destacado pelos especialistas é a maior liberdade criativa dos grupos amadores. Sem a necessidade de assegurar bilheteria ou de seguir modelos, os amadores têm espaço para experimentar, arriscar e descobrir novas maneiras de fazer teatro.

Ser amador, é preciso deixar claro, não significa deixar de investir no grupo ou evoluir artisticamente. Em ação desde 1985, a Companhia de Teatro Quartum Crescente, de Mauá, na Grande São Paulo, só conseguiu manter o seu trabalho depois de se organizar institucionalmente e passar a cobrar um valor simbólico por suas apresentações. "Depois de obter um CNPJ, começamos a receber patrocínios de parceiros, o que ajuda no nosso desenvolvimento", afirma Ronaldo Batista, diretor da trupe.

EMPURRÃOZINHO

A experiência é enriquecedora mesmo atualmente, quando as fronteiras entre o amador, o profissional e o experimental em teatro estão muito mais tênues. O termo "teatro amador" foi se transformando com o surgimento de universidades, cursos profissionalizantes e oficinas culturais. "Atividades de iniciação ou aperfeiçoamento, por exemplo, funcionam como um grande local para a formação de grupos e talentos", resume Abílio Tavares, coordenador do projeto Ademar Guerra, gerido pela Associação Amigos das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo. Criado em 1997, a iniciativa tem como objetivo proporcionar orientação artística especializada a grupos teatrais em atividade no interior paulista. O apoio do projeto Ademar Guerra pode ser representado pela transformação do Núcleo Sala 18, de Catanduba. Seus integrantes já ensaiaram em coretos e salas de paróquia. "Os orientadores nos mostraram a importância de nos mobilizarmos", diz Rafael Back, diretor do grupo. A ajuda serviu de estímulo para encontrar um local próprio para ensaios e apresentações. De um galpão abandonado surgiu o Armazém do Café, que virou referência teatral na cidade, na região de São José do Rio Preto. Ali funciona também a Associação Dell'Arte, centro de atividades culturais do Sala 18 para o ensino gratuito de teatro, dança e música. "De certa maneira, nosso trabalho social é maior do que o artístico", afirma.

PARTICIPE!

NÚCLEO VIII FESTIVOLPI
As atividades são para quem tem conhecimento intermediário, com exceção das apresentações dos espetáculos

WORKSHOP DE
CENOGRAFIA, FIGURINO E ILUMINAÇÃO
2/7 a 23/7 (sexta, 18h/22h)
COORDENADOR **RENATO RIBEIRO**,
publicitário
Inscrições até 1/7. 24 vagas.

WORKSHOP DE **DIREÇÃO**
5/7 a 19/7 (segunda, 18h/22h)
COORDENADOR **MARCELO GALDINO**,
diretor de cinema e teatro
Inscrições até 3/7. 24 vagas.

WORKSHOP DE **INTERPRETAÇÃO**
6/7 a 20/7 (terça, 18h/22h)
COORDENADOR **NÍVEO DIEGUES**,
ator, diretor e professor de teatro
Inscrições até 5/7. 24 vagas.

WORKSHOP DE **DRAMATURGIA**
7/7 a 21/7 (quarta, 18h/22h)
COORDENADOR **WALNER DANZIGER**,
escritor, dramaturgo e diretor de teatro
Inscrições até 6/7. 24 vagas.

WORKSHOP DE **ENCENAÇÃO**
8/7 a 22/7 (quinta, 18h/22h)
COORDENADOR **WILTON AMORIM**,
diretor, iluminador e ator teatral
Inscrições até 7/7. 24 vagas.

Apresentação dos espetáculos
participantes do **VIII FESTIVOLPI E**
CICLO DE DEBATES A PRODUÇÃO
ARTÍSTICA E OS CAMINHOS DO
TEATRO AMADOR
26/7 a 30/7, 19h/22h
Local: CEU Jambreiro.
Avenida José Pinheiros Borges, 60,
Guaianases.
Inscrições até a hora das encenações.
150 vagas.

OFICINA CULTURAL
ALFREDO VOLPI
SÃO PAULO

Outros destaques
VER PÁG. 32

PARA TIRAR A IDEIA DO PAPEL

NÃO BASTA TER APENAS

SENSIBILIDADE ARTÍSTICA
PARA VIABILIZAR UM
PROJETO CULTURAL:
É PRECISO
PLANEJAMENTO
ESTRATÉGICO E
BOA ADMINISTRAÇÃO

ELAINE BITTENCOURT

Entre as façanhas do empresário e jornalista Assis Chateaubriand estava a articulação para viabilizar seu projeto de montar “uma das maiores galerias de arte do mundo”. Mais por inspiração do que por estratégia, o dono dos Diários Associados usou de poder e influência para convencer industriais e grandes comerciantes a doar ‘espontaneamente’ obras de arte para sua iniciativa. Era uma espécie de troca de gentilezas entre cavalheiros. Apesar de pouco convencional, suas artimanhas de 60 anos atrás (algumas delas estão descritas no livro *Chatô—O Rei do Brasil*, de Fernando Morais) alcançaram um resultado surpreendente: o Museu de Arte de São Paulo (Masp) é ainda hoje o mais representativo de arte europeia na América Latina.

Hoje, no século XXI, qualquer tática parecida é impensável e certamente suicida. Mudanças na sociedade, nas artes e no mercado transformaram completamente a forma de fazer, consumir, investir e gerenciar bens culturais. Legislação mais rigorosa, necessidade de planejamento, patrocínio, prestação de contas com o máximo de transparência, exigência de resultados mensuráveis, entre tantos outros fatores, têm tornado cada vez mais necessária a profissionalização de quem atua na área. A era da produção cultural por retribuições de favores está encerrada. Nesse contexto, entra em cena uma nova maneira de interpretar a gestão cultural.



14 GESTÃO CULTURAL



É preciso articular e reger com maestria os processos no campo da cultura e das artes. O líder desse modelo é o gestor cultural, um mediador capaz de estimular os processos de produção e de consumo de bens culturais.

CAPACITAÇÃO

A formação de profissionais com esse perfil é uma questão cada vez mais evidente (veja entrevista na pág. 4). Outros assuntos cruciais são a forma de captação de recursos e uma legislação mais eficiente. O tema é amplo e os espaços abertos para discussão, poucos. Um deles é o Seminário de Gestão Cultural, que vai ser realizado em Campinas, com organização da Oficina Cultural Hilda Hilst e apoio do Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa (Ipep). São esperadas mais de 500 pessoas, entre gestores municipais de cultura da região, profissionais da área e universitários. O debate é importantíssimo. Ainda mais em um cenário em que, embora tenham boa vivência na área cultural, os gestores nem sempre possuem habilidade com os números. Sem formação administrativa, eles estão menos preparados para enfrentar a lógica do mercado. “Muitos acham que fazer arte não tem nada a ver com administração, planejamento, projeto. Acreditam que basta simplesmente criar, sem limites ou pontos de referência”, diz Abel Rocha, maestro, diretor de voz da Cia. Brasileira de Ópera e um dos palestrantes de Campinas. “Num ensaio, por exemplo, não basta cada um interpretar seu papel. Há por trás de uma ópera, ou mesmo de um simples ensaio, uma linha de produção que é resultado da gestão administrativa”, ilustra Rocha. Sem isso, de fato, muitas ideias nem sequer saem do papel.

Essa falta de especialização é um dos entraves para a promoção mais efetiva de atividades culturais nos municípios. Dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais, divulgada em maio pelo IBGE, mostram que apenas 9,4% dos municípios brasileiros contam com secretaria exclusiva de cultura e 1,9% têm um órgão de administração indireta para essa área. Em 70,9% das cidades, esse tema é abarcado por pastas que tratam também de outras políticas, principalmente de educação. “Estamos em pleno processo de valorização das políticas culturais, que muitas vezes vêm a reboque de políticas de educação e até de turismo”, diz Leonardo Brant, pesquisador de políticas culturais e presidente da Brant Associados.



oficinas de gestão cultural

PARTICIPE!

SEMINÁRIO DE
GESTÃO CULTURAL
9/7 a 23/7, 14h/17h (em 19/7 até 18h)
Local: Teatro Bento Quirino—
Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa
Rua Luzitana, 1.555, Centro, Campinas.

19/7
**CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO
NA GESTÃO CULTURAL**
ABEL ROCHA

20/7
**DIMENSÃO DA CULTURA NAS
GESTÕES PÚBLICA E PRIVADA E
PROFISSIONALIZAÇÃO DOS
SETORES CULTURAIS**
KÁTIA DE MARCO

21/7
O MERCADO CULTURAL
LEONARDO BRANT

22/7
**LEIS DE INCENTIVO:
NOVOS CAMINHOS E RUMOS**
PEDRO RIGATTO

23/7
**CAPTAÇÃO DE RECURSOS E
PARCERIAS SOCIAIS**
RICARDO MALUF

COORDENAÇÃO GERAL
LIDERALDO MARTIN, músico,
educador, consultor em
direitos autorais e produtor cultural.
Inscrições até 19/7. 550 vagas.

OFICINA CULTURAL
**HILDA HIST
CAMPINAS**

Outros destaques
VER PÁG. 36

“As prefeituras que criam secretarias, conselhos municipais, realizam conferências e desenvolvem legislação para a área cultural têm conseguido atrair mais investimentos públicos e privados para a cultura”, afirma.

RECURSOS

Uma exigência da nova realidade é encontrar uma estratégia eficiente para a captação de recursos. “Apresentar o produto de forma atraente para parceiros e patrocinadores é fundamental”, diz Ricardo Maluf, empreendedor social atuante no terceiro setor há mais de 25 anos.

Sua experiência aponta um excesso de teoria no material que ele recebe para avaliar. “Não adianta levar esse tipo de discussão ao diretor de marketing de uma empresa”, explica. Quando um artista também se torna gestor, ele precisa mudar sua maneira de atuação, pois vai ampliar o perfil de seus interlocutores. “Quem escolhe os projetos também precisa prestar contas. Quer ter indicadores, como público atingido e mídia espontânea. E ainda conhecer as possibilidades do projeto, como a utilização em endomarketing e a responsabilidade social”, diz Maluf. O importante é fazer o apoiador, patrocinador ou financiador acreditar no projeto. “O dinheiro é consequência”, diz.

Um dos erros mais comuns, diz ele, é buscar um único patrocinador. “Uma saída comum é convencer empresas que podem trazer outro tipo de apoio além do financeiro, como hotéis e restaurantes. “Isso pode diminuir o custo total do projeto e fica muito mais fácil captar recursos quando já existem outras instituições dando seu aval”, completa.

“Quando as mudanças da Lei Rouanet forem colocadas em prática, no início talvez seja preciso ter argumentos ainda mais sólidos e estratégias de comunicação bem mais convincentes para apresentar ao patrocinador”, afirma Ilana Goldstein, que atua como gestora e consultora na área sociocultural há mais de 15 anos. “Por outro lado, a utilização das leis estaduais e municipais de incentivo à cultura tende a crescer, como já está ocorrendo com o Programa de Ação Cultural (Proac), em São Paulo”, explica Ilana. Definitivamente, há um longo caminho a percorrer.

MEMÓRIA VIVA

ATUAÇÃO DE ESPECIALISTAS
AJUDA NA PRESERVAÇÃO
DA HISTÓRIA DO PAÍS

PATRIMÔNIO

MELISSA DINIZ

Nada melhor para conhecer o passado—e o presente—de um povo do que observar seu patrimônio histórico e cultural. Preservar o passado nos permite refletir sobre como chegamos até aqui.

“A manutenção das memórias sociais locais nos fornece elementos para aquilo que se chama ‘sentimento de pertença’. Quando reconheço este lugar como parte de minha vida percebo que também sou responsável por ele”, explica Marly Rodrigues, doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Para que isso aconteça é preciso que essas riquezas sejam preservadas, o que demanda pessoal especializado em identificação, classificação, manutenção e restauro.

Uma das dificuldades de conservação desses bens é a falta de informações a respeito das normas internacionais de preservação. Além disso, embora o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) tenha sido criado em 1937, o Brasil não possui tradição em formar pessoas preparadas para trabalhar na manutenção do patrimônio. “É aí que entra o trabalho da promoção de oficinas culturais para democratização desses conhecimentos”, explica Francisco Zorzete, diretor da Companhia de Restauro, empresa especializada no ofício. O restaurador garante que, apesar da falta de mão de obra, existe grande demanda por esse tipo de profissional no Brasil. “Foi percebendo isso que me afastei do serviço público e resolvi abrir uma empresa há 15 anos”, conta ele, também um dos coordenadores da Escola Paulista de Restauro.



CASARIO DE IGUAPE, NO LITORAL PAULISTA

Casa do Patrimônio de Iguape / Simone Scifone

Zorzete defende investimento maior na capacitação de pessoas que possam atuar na manutenção e no restauro. “Enquanto a educação não for prioridade em nosso país, continuaremos a conviver com a falta de profissionais gabaritados, não só nessa, mas em diversas áreas. Acredito que todas as iniciativas educacionais, tanto da sociedade civil quanto dos governos e das universidades, são bem-vindas. Isso inclui programas de bolsas e estágios para restauradores e a criação de novos cursos de formação técnica”, afirma.

No momento, Zorzete está envolvido na elaboração de uma atividade formativa voltada à preservação do patrimônio, prevista para ocorrer em Iguape, no litoral paulista, em parceria com a Oficina Cultural Gerson de Abreu. A cidade, fundada em 1538, recebeu o tombamento federal em dezembro de 2009 por possuir peculiaridades do povoamento, do desenvolvimento econômico e social e ainda da paisagem característica do Vale do Ribeira. A área tombada compreende o centro histórico, o antigo sistema portuário fluvial e marítimo e o Morro do Espia. O marco do tombamento foi a criação da Casa do Patrimônio, onde são realizadas palestras e cursos. Estuda-se uma proposta de restauro da Cadeia Velha de Santos, também tombada, que hoje abriga a Oficina Cultural Pagu.

Parte da proposta de criar uma série de oficinas em Iguape está sendo articulada em parceria com a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. “Nossa ideia é pensar Iguape do ponto de vista histórico e cultural em conjunto com a comunidade local, dando aos moradores e profissionais da região mais ferramentas para que consigam viver e trabalhar respeitando as normas de conservação do patrimônio. Além, é claro, de refletir sobre o significado simbólico do tombamento da cidade”, diz Zorzete.

FORMAÇÃO TÉCNICA

Se, por um lado, a criação de cursos e oficinas culturais ajuda a conscientizar a comunidade sobre a necessidade de preservação, por outro, a própria definição do que é patrimônio possui entraves de ordem técnica. O grande problema, na opinião de Marly, da Unicamp, é que, por tradição, os órgãos brasileiros encarregados dessa tarefa são formados, em sua grande maioria, por profissionais ligados a apenas uma área de conhecimento, quase sempre a Arquitetura. A pesquisadora defende que haja nos órgãos técnicos brasileiros uma presença maior de historiadores, antropólogos e comunicadores para que a visão do patrimônio siga uma lógica multidisciplinar. “Temos no Brasil uma produção de conhecimento mui-

to ampla em todas essas áreas. As universidades são grandes centros produtores de estudos e pesquisas, e lá existem pessoas gabaritadas para atuar em conjunto com o poder público na preservação do patrimônio.”

PARTICIPE!

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO
ANA PAZ E PALESTRA SOBRE
A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

8/7, 19h às 22h
COORDENAÇÃO **GABRIELA RABELO**,
doutora em Artes Cênicas pela Escola de
Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo (ECA/USP).

Inscrições até 15/7. 60 vagas.

OFICINA CULTURAL
**GERSON DE ABREU
IGUAPE**

Outros destaques

VER PÁG. 35

MÚLTIPLAS FACETAS

NO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO, PAGU É LEMBRADA COMO UMA MULHER QUE USOU A ARTE PARA LUTAR POR SEUS IDEAIS

ELISABETE MACHADO

Se vivesse no início do século 21, a jornalista, ilustradora, escritora e poeta Patrícia Rehder Galvão certamente seria classificada como multimídia. Pagu, como era conhecida, teve uma vida intensa—e utilizava diversas habilidades artísticas para expressar seus ideais. Contemporâneo da artista, o poeta Augusto de Campos a descreveu de forma precisa no livro *Pagu: Vida-Obra*. Segundo ele, Pagu foi uma rebelde da vida e das artes, escritora e artista, sem propriamente fazer carreira de Letras ou de Artes. Alguém “capaz de captar as fulgurações intermitentes, mas lúcidas, de uma personalidade rara, dentre as poucas que lutaram por manter acesa a chama do inconformismo que, a partir de 1922, incandesceu o nosso provinciano ambiente cultural”, escreveu.

Embora não tenha participado da Semana de Arte Moderna (tinha apenas 12 anos na ocasião), Pagu conviveu intensamente com seus principais expoentes, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, entre outros. Seu apelido foi dado por um desses amigos mais velhos, o poeta Raul Bopp: ele imaginou que seu nome fosse Patrícia Goulart. Muito bonita, ela foi musa da terceira geração do Modernismo, a fase Antropofágica, a mais radical desse movimento artístico.

Esses relacionamentos foram fundamentais para a formação intelectual de Pagu. Nascida em São João da Boa Vista (SP), ela sempre esteve na vanguarda. Batalhou constantemente por uma identidade nacional artística, sem reproduzir a arte europeia. Em suas obras, nota-se uma preocupação além da estética.

E, também, o questionamento de como sua arte poderia modificar a sociedade. “Seu trabalho vale como um todo, pois representa uma época”, afirma Lúcia Maria Teixeira Furlani, que pesquisa a vida de Patrícia Galvão há 22 anos e escreveu três livros sobre a artista. “Além disso, suas obras precisam ser analisadas em conjunto porque incluem o verbal e o não verbal”, completa a especialista, diretora da Universidade Santa Cecília. A faculdade, com sede em Santos (SP), é parceira da Oficina Cultural Pagu na programação especial *100 anos Pagu Mulher*, que acontece o ano inteiro.

DEDICAÇÃO

Pagu se entregou completamente a tudo em que esteve envolvida, no amor e nas causas. Casou-se com Oswald de Andrade pouco depois de ele se separar de Tarsila do Amaral. Teve dois filhos: Rudá de Andrade, fruto dessa união, e Geraldo Galvão Ferraz, do seu segundo casamento, com o jornalista Geraldo Ferraz. Suas atividades políticas incluem a luta pelo direito das mulheres e o comunismo. Por suas atitudes firmes, muitas vezes provocativas, Pagu sofreu 23 prisões ao longo de sua vida—a primeira delas em 1931, ao participar da organização de uma greve de estivadores. O ativismo fez com que Pagu criasse uma série de pseudônimos para expor sua criatividade. “Em muitos casos, ela não podia se identificar como mulher. Em outras ocasiões, o problema era a filiação comunista, pois queria se esconder das retaliações da polícia”, diz Cláudia Cruz, professora de História da Arte da Universidade Anhembi Morumbi. “Ela também se utilizou dos codinomes Mara Lobo, Solange Sohl e Arie, pois não conseguia emprego com seu verdadeiro por ser ex-presidiária”, diz.

“A ausência de Pagu nos tempos atuais se deve, entre outras coisas, ao conservadorismo da sociedade daquela época”, explica Cláudia. “Muitos de seus textos não tinham o mesmo destaque de outros autores do Modernismo por ela ser mulher”, acredita. Aos poucos, a obra de Pagu vem sendo redescoberta. Definitivamente, sua história não terminou em 1962, ano de sua morte, decorrente de um câncer que a debilitava desde 1949.

20 PERFIL

AUTORRETRATO E FOTOS DA ARTISTA



PARTICIPE!

SARAU
100 ANOS PAGU MULHER
8/7, 19h/23h

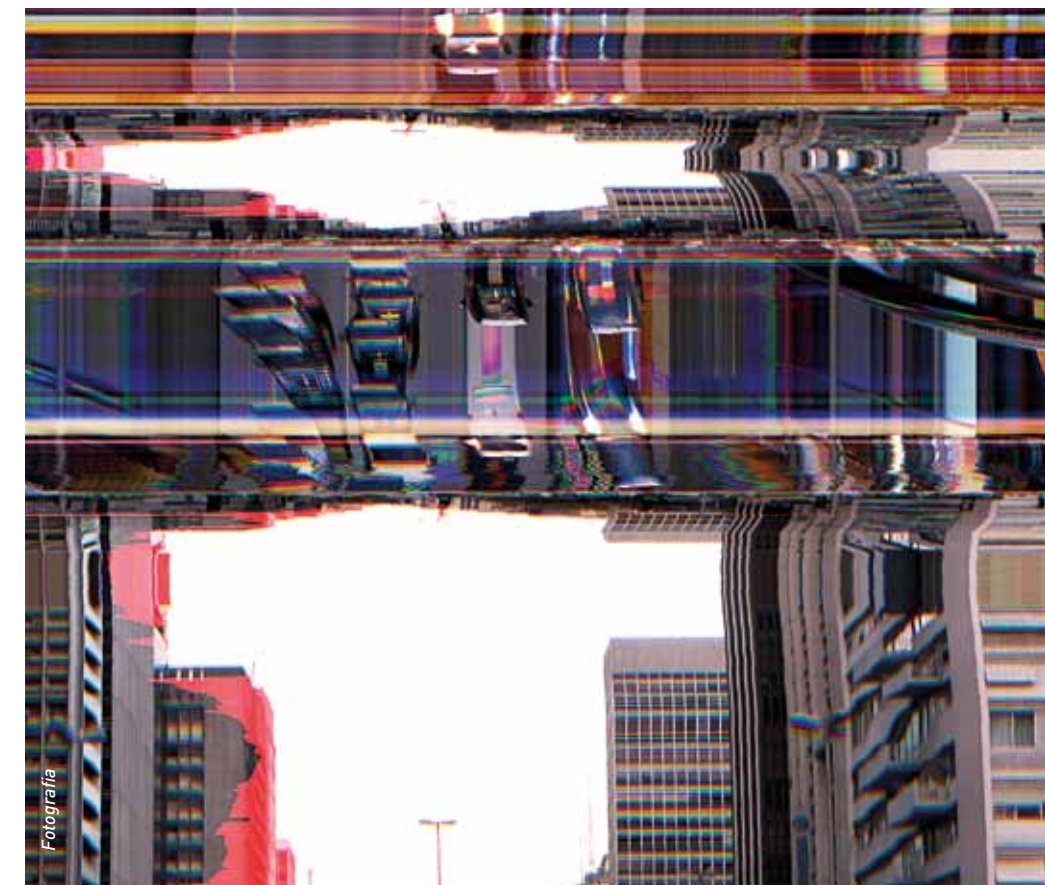
OFICINA CULTURAL PAGU
SANTOS

Outros destaques
VER PÁG. 37



FOTOGRAFIA 22 PAULA VIANNA

COMO A IMAGEM DIGITAL SE REVELA NA ARTE DE DUAS GERAÇÕES DA FOTOGRAFIA BRASILEIRA

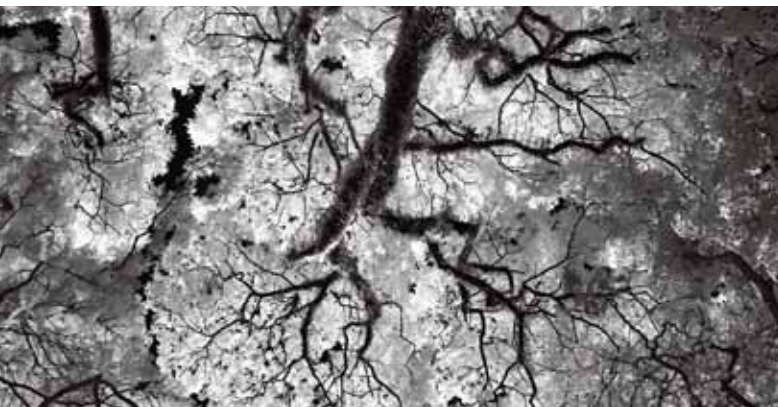
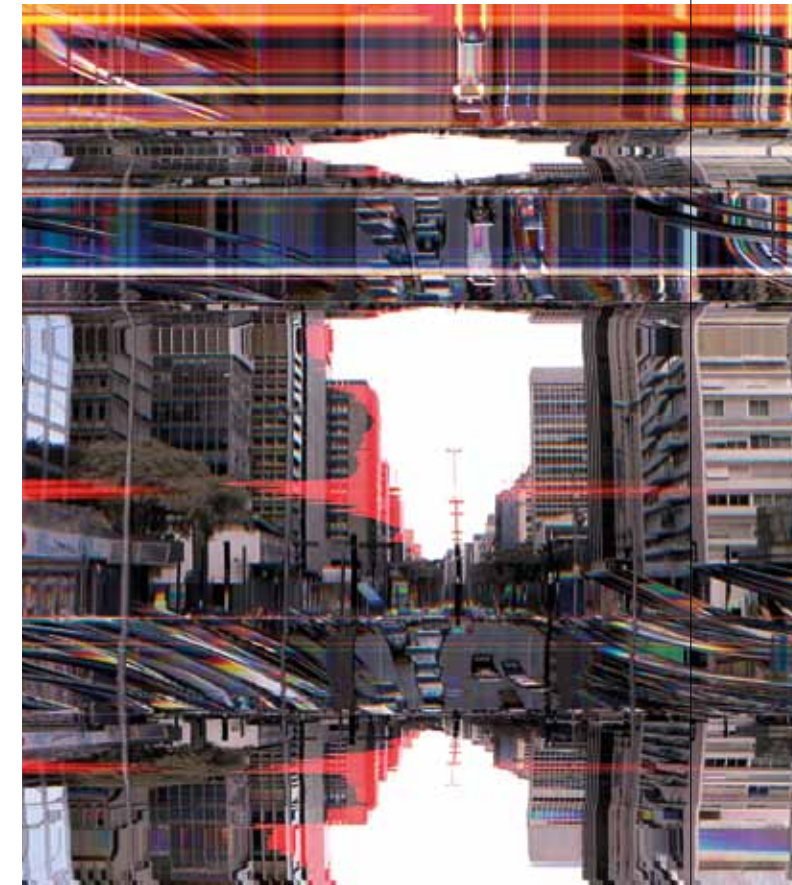


Fotografia

REALISMO FANTÁSTICO

Passaram-se quatro anos da realização de *A Última Foto*, obra em que a fotógrafa Rosângela Rennó propunha discutir o desaparecimento da fotografia analógica. A artista convidou 43 colegas para clicar o Cristo Redentor usando câmeras pertencentes à sua coleção: dos modelos de chapa 9x12 cm, do início do século 20, às câmeras reflex, para filme 35 mm, da década de 1980. “Em menos de 5 anos, esse tipo de debate soa anacrônico”, afirma Eder Chiodetto, fotógrafo e curador do Clube de Fotografia do Museu de Arte Moderna (MAM). Sua afirmação é amparada pelo trabalho de fotógrafos de diferentes gerações que lidam muito bem com a digital: Antonio Saggese, de 60 anos, marco histórico da fotografia pós-moderna brasileira nos anos 80, e talentos elogiados pela crítica nos últimos anos como Guilherme Maranhão, 35 anos, e o coletivo Cia de Foto (*ver fotos nesta reportagem*). Chiodetto explica que a incorporação da imagem digital à arte contemporânea no topo dos 160 anos da história fotográfica foi supervalorizada e causou polêmica. Só que a absolvição da imagem digital a serviço da arte era certa.

“Em parte graças à aproximação com diferentes linguagens que o meio digital pode proporcionar”, explica. Saggese, por exemplo, que hoje possui uma câmera capaz de fotografar a radiação infravermelha, acha que a questão não é mais representar o visível, mas criar algo que não podemos ver. “O fotógrafo intui, conversa com o visor da câmara e tem controle sobre o invisível, algo que antigamente era mais complexo”, conta. “A preferência pelo equipamento analógico, hoje em dia, é quase um fetiche, saudades do ritual da fotografia”, diz. Uma consequência desses fatores é a expansão de repertório, que abriu espaço para uma produção não só mais abrangente, como também mais rica e, digamos, subversiva. A Cia de Foto é um exemplo disso. O coletivo paulistano aboliu a assinatura individual de seus integrantes em nome do grupo, sem abrir mão de propostas pessoais de trabalho. “Ele introduziu subjetividade na foto documental quebrando vários pudores, é até muito criticado por isso, mas seu papel vai ficar marcado em nossa história”, aponta Chiodetto.



INFRAVERMELHO

Antonio Saggese revela seu novo trabalho, que desde 14 de junho ocupa as paredes do Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. A exposição do artista, *Pitoresco*, traz imagens que perturbam a noção de realismo. Ele explica que hoje é possível chegar muito próximo ao olho humano, mas que esse olhar seria muito novo em relação às imagens a que estamos acostumados, daí a surpresa. “O olho treinado toma como suas as limitações da imagem técnica”. Atualmente, Saggese usa exclusivamente equipamentos digitais e comemora tanto a possibilidade de trabalhar com uma câmara lenta, que fotografa 1200 quadros por segundo, como o maravilhoso mundo da impressão com jato de tinta em chapa de metal, ao alcance privado.

À ESQUERDA
FOTOS DA EXPOSIÇÃO *PITORESCO*, DE
ANTONIO SAGGESE

TRIBO

Eles trocaram suas assinaturas individuais pela do coletivo, Cia de Foto, aboliram o filme e imprimiram sua marca na produção fotográfica brasileira dos anos 2000. Difícil saber o que Pio Figueroa, 35, fotografou, se estamos diante da obra de João Khel, 28, ou se a imagem é de Rafael Jacinto, 34, mas para eles não importa qual seja o objeto, a foto mostra o olho do sujeito por trás das lentes. “Os equipamentos digitais libertam um certo tecnicismo que a fotografia cultuou, que atrapalhava seu uso mais conceitual”, explicam. As fotos do ensaio *Caixa de Sapato* são o autorretrato do coletivo, enquanto *Chuva* é o retrato de uma rua alagada durante dois meses nas últimas enchentes paulistanas.

CENTRO
OS ENSAIOS *CHUVA* E *CAIXA DE SAPATO*, DA CIA DA FOTO

PARTICIPE!

OFICINA DE FOTOGRAFIA
DO EQUIPAMENTO AO TRATAMENTO DIGITAL E IMPRESSÃO
6/7 a 29/7 (terça e quarta 18h30/21h30)
Inscrições até 5/7. 30 vagas.
COORDENADOR **NELSON SHIRAGA**

OFICINA CULTURAL
CARLOS GOMES LIMEIRA
Outros destaques
VER PÁG. 34

WORKSHOP **A FOTOGRAFIA E SUAS INTERPRETAÇÕES**
5/7 a 15/7 (segunda a quinta, 9h30/12h30)
Inscrições até 30/6.
Seleção: questionário. 20 vagas.
COORDENADOR **GOYA CRUZ**

OFICINA CULTURAL
OSWALD DE ANDRADE SÃO PAULO

Outros destaques
VER PÁG. 33

SUCATA ELETRÔNICA

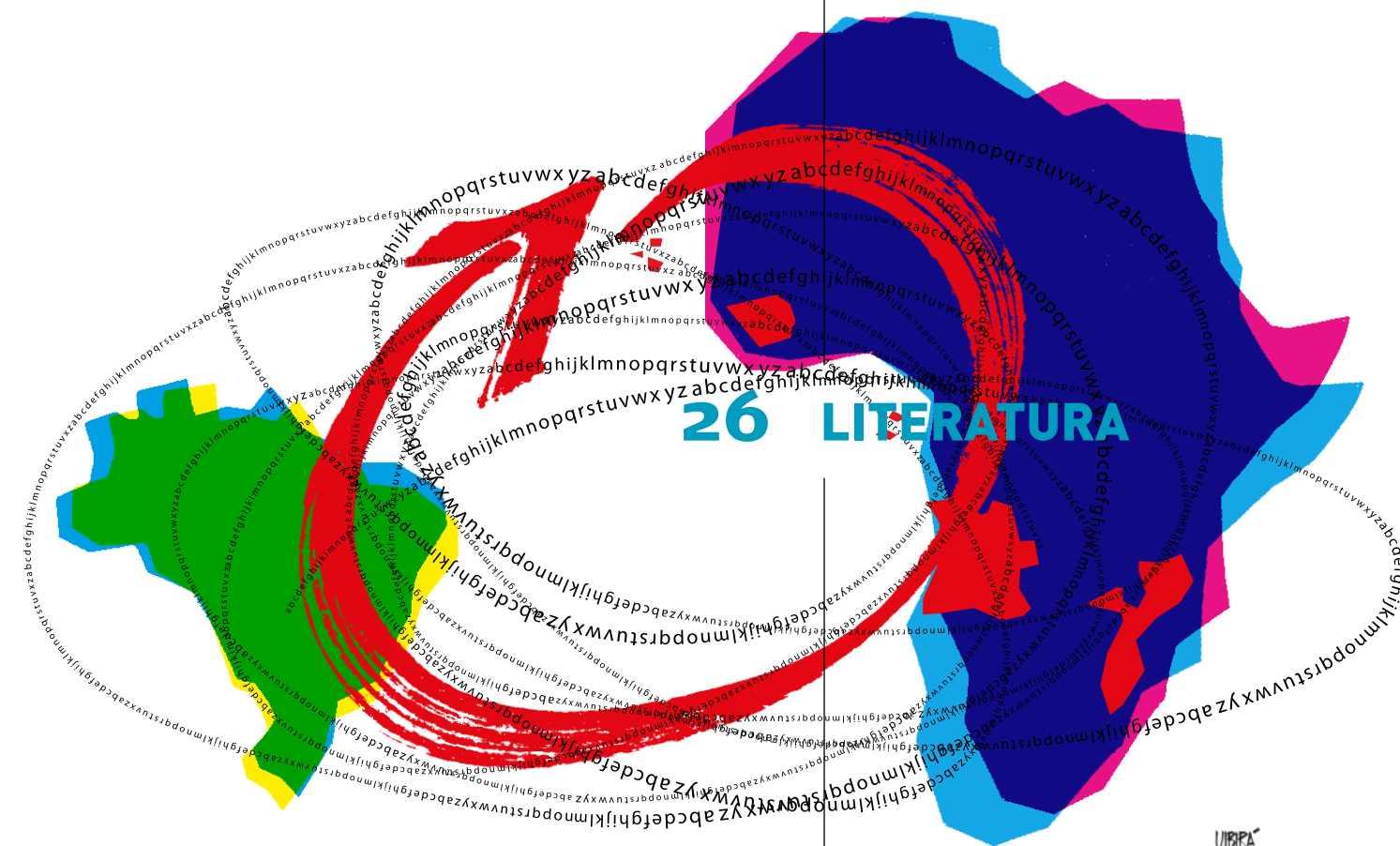
Analogico ou digital, o equipamento de Guilherme Maranhão é sempre único. O negócio do fotógrafo carioca que se instalou em São Paulo é inventar suas próprias câmeras a partir de materiais desprezados, de computadores e scanners a câmeras de fole. Nas fotos da série *Pluracidades*, de 2009, Maranhão utiliza um scanner velho, garimpado no meio da sucata, para registrar imagens pelas ruas com a ajuda de um laptop e de uma bateria para impulsionar o scanner. O resultado é uma paisagem urbana transformada num infinito deserto infestado com peregrinos numa busca incessante. “Gosto de explorar as mudanças de um meio para outro, criar ruídos, interferências. A construção da própria ferramenta é o que possibilita ao artista conseguir a visualidade desejada. Quando você constrói uma câmera, muda fatores básicos da captação e, em consequência, a captação de luz ocorre de forma menos perfeita, o que abre espaço para a formação de uma imagem mais caótica”, define Maranhão.

À DIREITA
IMAGEM DA SÉRIE
PLURACIDADES,
DE GUILHERME
MARANHÃO

ÁFRICA NAS LETRAS

POETAS E ESCRITORES DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA APROXIMAM O BRASILEIRO DE SUA RAIZ NEGRA

JULIA PRIOLLI



“O ambiente quase gelou.
A palavra ‘preto’ actuara como
um relâmpago agitando a casa.
Benjamin Southman avançou,
a boca torcida em meio sorriso:
—Não se diz preto, minha irmã.
Diz-se ‘negro’. É assim que é correcto.
—Correcto como?
—Correcto.
—Mas, para nós, aqui,
‘negro’ é que é insultuoso.”

O trecho é do livro *O Outro Pé da Sereia*, do moçambicano Mia Couto. Na história, o antropólogo afro-americano Benjamin Southman, casado com uma brasileira, vai a Moçambique conhecer a cultura de seus ancestrais. E se surpreende com a falta de realidade do que aprendera na faculdade. O texto aponta uma curiosidade regional de como identificar as pessoas nascidas na África Negra. Para nós, brasileiros, a palavra “negro” não é pejorativa. “Preto”, sim, é herança da escravidão. Em Moçambique, “negro” é sinônimo de escravo. Diz-se “preto” e pronto! Outra descoberta do personagem é que a escravidão já acontecia muito antes da chegada dos navios negreiros no limite oriental do Atlântico. Com narrativas assim, o leitor brasileiro entra sutilmente em contato com as nuances da África Portuguesa. E, como consequência, com parte significativa de sua formação cultural.

O crescente interesse pela literatura africana transparece nas prateleiras das principais livrarias do país. Desde 2003, os romances de Mia Couto são publicados por aqui. Do angolano José Eduardo Agualusa, também. Ambos participaram de edições da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). O angolano Ondjaki, o cabo-verdiano Jorge Barbosa e Abdulai Sila, de Guiné-Bissau, são outros autores com livros à venda no Brasil. Esses autores rompem estereótipos sobre a África e mostram aos brasileiros que o nosso parentesco com o outro lado do Atlântico é muito mais do que as miçangas e os orixás.

Em comum, todos esses autores têm um comprometimento com a genuína expressão africana. E são pouco conhecidos no Brasil. “Me impressiona que um poeta como Jorge Barbosa, que bebe na fonte de Manoel Bandeira, seja um desconhecido no Brasil. A África tem muitos outros autores que a gente precisava conhecer”, afirma Lauro Moreira, ex-embaixador brasileiro junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Eleito lusófono do ano de 2009, o diplomata esteve em abril na Prosa de Saberes, evento promovido mensalmente pela Oficina Cultural Candido Portinari, em Ribeirão Preto, para debater culturas africanas, a literatura em particular.

A literatura portuguesa na África recebe forte influência de brasileiros. Mia Couto conta que foi com Guimarães Rosa que ele entendeu que era possível falar como moçambicano, sem precisar seguir as nor-

mas ortográficas. “Mia Couto reivindica a influência da literatura brasileira em suas acrobacias linguísticas, em seus neologismos, como fez Guimarães Rosa, o que faz todo sentido em Moçambique, país no qual o português é a língua oficial, mas onde todos falam um dialeto”, diz Jorge Henrique Bastos, especialista em Literatura Portuguesa, que também participou da Prosa de Saberes.

O plano é concluir essas edições mensais em um grande encontro, previsto para o final do ano. Lusofonia é um termo que aceita diversas definições, mas basicamente se resume em uma comunidade linguística produzida pela história de países que falam e escrevem em português. “O Brasil é um país evidentemente africano. Na lusofonia que nos une, Portugal é a matriz, responsável por um diálogo intercultural que vem acontecendo desde o descobrimento. Brasil e África têm uma irmandade étnica, cultural e histórica. Se tomarmos a África sub-oriental, especialmente a África lusófona, veremos que o patrimônio histórico e cultural é comum”, opina Bastos.

Tome-se o exemplo da literatura de José Eduardo Agualusa. O autor morou em Olinda e fez de suas entrevistas nas favelas cariocas o substrato para o livro *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio*. Partiu de Eça de Queirós para escrever seu romance mais conhecido: *Nação Crioula*. E *Barroco Tropical*, seu romance mais recente, é tido como uma mistura de realismo mágico africano e literatura futurista. Em uma de suas declarações sobre lusofonia, afirmou: “Nos nossos países, a realidade tende a ser muito mais inverossímil do que a ficção”. O brasileiro que o diga!

PARTICIPE!

PROSA DOS SABERES—JULHO
28/7, 19h
40 vagas.

OFICINA CULTURAL
CANDIDO PORTINARI
RIBEIRÃO PRETO

Outros destaques
VER PÁG. 34

É HIP-HOP, MANO!

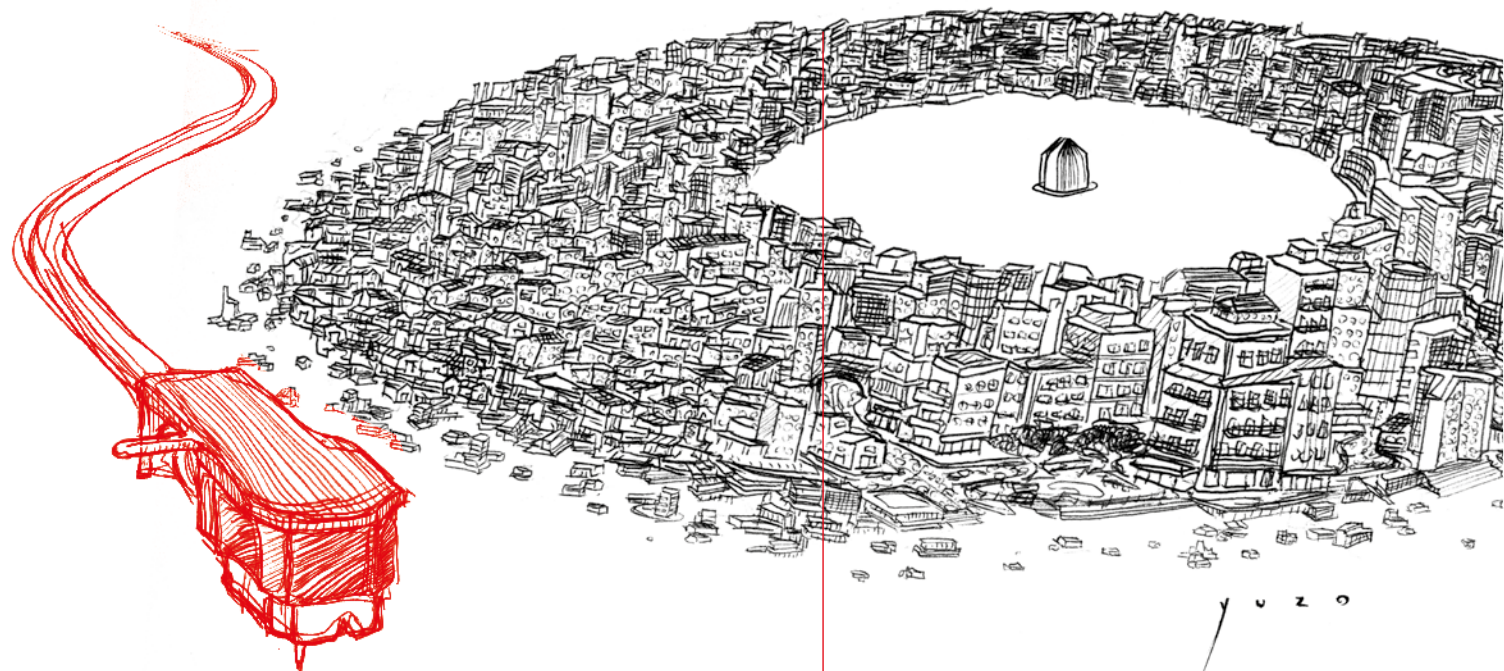


TOTARTE

COM FORTE PRESENÇA
NA CAPITAL, O MOVIMENTO PROMOVE
AÇÃO SOCIAL POR MEIO DA ARTE DE RUA E
GANHA ESPAÇO NO INTERIOR PAULISTA

JULIA PRIOLLI

28 ATITUDE



“O chicote vai estalar” diz um MC (mestre de cerimônias) em uma ‘quebrada’ do interior paulista, como quem diria “o bicho vai pegar”, na maioria dos outros lugares do país.

Com gírias próprias e uma capacidade de organização invejável, o movimento hip-hop ganha cada vez mais força no interior do Estado de São Paulo.

E sem botina e música sertaneja, diga-se de passagem. A cultura hip-hop surge com o crescimento de algumas cidades interioranas que, a seu modo, passam a ter características de grandes conglomerados urbanos. Violência, desemprego entre os jovens, poucas alternativas de lazer e desigualdade social são algumas delas. Os jovens reconhecem que há muito a protestar. A revolta vira arte. E as manifestações artísticas do hip-hop são as formas preferidas de expressão de muitos jovens. “A ação social do movimento hip-hop é mais articulada”, diz o rapper Márcio Brown, presidente da ONG Ação Periférica e um dos criadores do Fórum de Cultura Hip-Hop, que reúne representantes de Campinas, Sorocaba, Porto Feliz, Tietê, Votorantim, Rio Claro e Itapetininga. O espaço para troca de ideias acontece a cada 3 meses, para discutir conceitos, formas de transformar a sociedade e maneiras de fazer rap, break, grafite e outros aspectos da ideologia. “Como tem menos gente do que na capital, fica mais fácil organizar”, diz Brown, que vai promover uma aula aberta sobre o tema em julho, na Oficina Cultural Grande Otelo, em Sorocaba.

A organização social do hip-hop remonta à história da resistência negra no país. Nos anos 1930, surgiu a Frente Negra Brasileira, que foi reprimida pela ditadura de Getúlio Vargas e se dissipou pelo país em movimentos culturais para evitar a censura. O Clube 28 de Setembro, por exemplo, foi montado em Sorocaba em 1945. Ali, os bailes black faziam a festa da moçada nos anos 70. “Os bailes black foram tocando rap. A mudança foi natural: o DJ fazia o som e a galera dançava break. Para animar ainda mais, surgiu o MC. Quando o hip-hop saiu do clube e conquistou a rua, veio o grafite”, conta.

CINCO ELEMENTOS

No Brasil, o hip-hop é bem menos comercial do que nos Estados Unidos. Seus seguidores ainda não se renderam ao estilo carrão-corrente-de-ouro-mulher-objeto, como seus manos gringos 50 Cent, Ja Rule e Snoop Dogg. Por aqui, a mensagem de protesto dá as diretrizes. Mais do que entretenimento, a cultura é militância e movimento social. Os duelos de rima, que surgiram nos guetos de Nova York e que têm, no Brasil, similaridade com os desafios entre repentistas, substituem o combate físico pelo oral. Hoje, tudo acontece pacificamente. Nos tempos do Largo de São Bento, na capital, marco zero do movimento paulista, havia rivalidade entre gangues das

diferentes regiões da cidade. Os veteranos do hip-hop são unânimes em concordar que a pacificação é uma conquista: “Sofremos muito preconceito. Foi preciso minimizar os conflitos. Tivemos que mostrar que o hip-hop era um instrumento pacífico de transformação social”, explica Marcio Santos, assessor especial de projetos para hip-hop da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo.

A paternidade do movimento é atribuída ao americano Afrika Bambaataa, fundador do Universal Zulu Nation, que promove o hip-hop com consciência. Foi ele quem agregou um quinto elemento às quatro tradicionais expressões da cultura hip-hop: o conceito de conhecimento juntou-se à dança break, ao MC, ao DJ e ao grafite (a ilustração desta reportagem, por exemplo, foi feita pelo grafiteiro Tota, de Santo André). Na Casa do Hip-Hop, em Diadema, liderada pelo antológico militante da cultura black, Nelson Triunfo, os cinco elementos são trabalhados numa perspectiva de arte-educação. “O hip-hop funciona como chamariz para outras culturas. Vamos escrever música? Então vamos ler Lima Barreto, escutar Luiz Gonzaga”, explica Triunfo.

PARTICIPE!

OFICINA DE
GRAFITTE STÊNCIL ART URBANA
 2/7 a 30/7, 18h30/21h30
 (segunda e sexta)
 COORDENADOR **ADRIANO GIANOLLA**
Inscrições até 1/7. 30 vagas.

OFICINA DE **DANÇA RITMOS DA PERIFERIA**
 7/7 a 28/7, 17h30/21h30 (quarta)
Conhecimento intermediário.
 COORDENADOR **RÉGIS CHAVES.**
Inscrições até 6/7.
Seleção: aula-teste, 30 vagas.

AULA ABERTA **HIP-HOP EM MOVIMENTO**
 31/7, 20h/21h30
 COORDENADOR **MÁRCIO BROWN**
Inscrições até 30/7. 20 vagas.

OFICINA **A ESTÉTICA DO HIP HOP**
 6/7 a 22/7, 18h30/21h30 (terça e quinta)
 COORDENADORA **DANIELA ANDRIATTI**
Inscrições até 5/7.
Seleção: carta de interesse, 30 vagas.

OFICINA **CULTURAL GRANDE OTELO**
SOROCABA

Outros destaques
 VER PÁG. 36

ROUPA PARA MORAR, CASA PARA VESTIR

UM NOVO CONCEITO,
A WEARABLE HOME
PROPÕE DISCUTIR
A VESTIMENTA
COMO UM LUGAR

MELISSA DINIZ

MODA 30

PARTICIPE!

OFICINA

**WEARABLE HOME:
OCUPANDO UMA VESTIMENTA**

5/7 a 16/7, 18h30/21h30

(na primeira semana,
apenas segunda e quarta)

Inscrições até 1/7. 30 vagas.

COORDENADORA
MARION VELASCO

OFICINA **CULTURAL**
OSWALD DE ANDRADE
SÃO PAULO

Outros destaques

VER PÁG. 33

Em um mundo onde a mobilidade parece ser a necessidade mais urgente do ser humano, a vestimenta passa a incorporar outras funções, além daquelas definidas pela moda e pelos costumes. Para a artista plástica Marion Velasco, o deslocamento, a funcionalidade e a tecnologia dão à roupa uma característica de lugar, criando uma inter-relação entre o corpo e o espaço. Pós-graduada em Jornalismo de Moda e Estilo de Vida, Marion apresentou no ano passado sua dissertação de mestrado pela Universidade Anhembi-Morumbi, intitulada *Wearable home— a vestimenta como lugar*.

O estudo propõe uma integração entre moda, arte, design e arquitetura e investiga a ampliação da ideia do que é “vestível”. Nele, são apresentados protótipos, criados pela própria artista e por nomes internacionais, como a inglesa Lucy Orta, que usa suas criações híbridas para tratar de temas políticos, sociais e econômicos. “Investigo outras funções da roupa ligadas a questões vivenciadas no mundo de hoje, como a sustentabilidade e a própria urbanidade, e proponho uma reflexão sobre os conceitos de casa, corpo e cidade, que estão em constante mudança aos olhos dos designers contemporâneos”, afirma Marion. São essas ideias que a artista apresenta, em julho, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, em São Paulo. Sua proposta é justamente discutir a espacialidade do vestir, bem como novos modos de abrigar e habitar. Ampla, a abordagem do tema inclui des-

de situações em que as questões espaciais se destacaram na moda ao longo da história, começando por Maria Antonieta, famosa pelos exageros no figurino. E revisita técnicas de alargamento do corpo no espaço, que aproximaram a moda do design de mobiliário, da escultura e da arquitetura nos séculos 17 a 19, além de apresentar trabalhos de designers e estilistas que atualizaram essas questões nos séculos 20 e 21, como Pierre Cardin, Issey Miyake, Gareth Pugh e Viktor&Rolf.



PROGRAMAÇÃO DE JULHO

A REDE DAS OFICINAS CULTURAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

OFERECE CENTENAS
DE OPORTUNIDADES EM JULHO.
AO TODO, SÃO 14.027 VAGAS, EM 234 ATIVIDADES
NA CAPITAL, NO LITORAL E NO INTERIOR.
AS INSCRIÇÕES COMEÇAM EM 21 DE JUNHO E
DEVEM SER FEITAS NOS LOCAIS DE REALIZAÇÃO.
AS PRÓXIMAS PÁGINAS TRAZEM OS DESTAQUES
DA PROGRAMAÇÃO EM CADA UMA DAS
21 OFICINAS CULTURAIS.

**A LISTA COMPLETA ESTÁ DISPONÍVEL EM
WWW.OFICINASCULTURAIS.ORG.BR**

OBSERVAÇÃO:

QUANDO NÃO HÁ INFORMAÇÃO
SOBRE A FORMA DE SELEÇÃO
NA ATIVIDADE, AS VAGAS SERÃO
PREENCHIDAS PELOS PRIMEIROS
INSCRITOS. CADA DESCRIÇÃO INICIA
COM A INFORMAÇÃO SOBRE O
PÚBLICO PARTICIPANTE.
AS ATIVIDADES ABAIXO DO
ENDEREÇO DA OFICINA CULTURAL
OCORREM EM SUAS DEPENDÊNCIAS.



31

CAPITAL

OFICINA CULTURAL
ALFREDO VOLPI
RUA VICTÓRIO SANTIN, 206, ITAQUERA
(11) 2205 5180
SEGUNDA A SEXTA, 13h/22h, E
SÁBADO, 10h/18h
COORDENADORA **NANCY MOLLO**

VIII FESTIVOLPI

VER PÁG. 12

OFICINA **APRENDER A ENSINAR ARTE**
5/7 a 28/7 (segunda e quarta, 14h30/17h30)
Educadores e estudantes de pedagogia.
A oficina pretende trabalhar articulações entre teoria e prática na formação de arte-educadores. Haverá leituras de textos, reflexão sobre arte-educação e atividades artísticas. Os participantes observarão aulas com crianças, que também serão realizadas na Oficina Cultural. A coordenação é de Flora Barcelos, arte-educadora da Fundação Casa.
Seleção: questionário.
Inscrições até 3/7. 20 vagas.

OFICINA CULTURAL
AMÁCIO MAZZAROPI
AVENIDA RANGEL PESTANA, 2.401, BRÁS
(11) 2292 7071 | 2292 7711
SEGUNDA A SEXTA, 13h/22h, E
SÁBADO, 13h/18h
COORDENADORA **CIDA ALMEIDA**

OFICINA DE PERCUSSÃO **TOQUES MASCULINOS E FEMININOS DOS ORIXÁS**
6/7 a 29/7 (terça e quinta, 18h30/21h30)
Adolescentes e adultos. A proposta é difundir a cultura afro-brasileira, por meio da música, com base no estudo prático dos ritmos do candomblé. Os percussionistas Adriana Aragão e Beth Beli são os orientadores.
Inscrições até 5/7. 20 vagas.

OFICINA DE TEATRO DE RUA
BODAS NA MANGUEIRA
1/7 a 30/7 (segunda a sexta, 17h45/21h45)
Adolescentes e adultos, com conhecimento intermediário. Projeto de montagem de um teatro de rua a partir do texto *Bodas de Sangue*, do espanhol Federico García Lorca, e da música *Quando o Samba Acabou*, de Noel Rosa. A coordenação é do ator Joca Andreazza.
Seleção: currículo e carta de interesse.
Inscrições até 28/6. 21 vagas.

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO
MORTE E VIDA SEVERINA
24, 25 e 26/7, 20h
Adolescentes e adultos. A encenação, dirigida por Moisés Miastkowsky, é resultado de uma atividade da Oficina Cultural. O texto de João Cabral de Melo Neto retrata a saga de um retirante nordestino na cidade grande.
Retirada de senha com 30 minutos de antecedência. 100 vagas por sessão.

OFICINA CULTURAL
LUIZ GONZAGA
RUA AMADEU GAMBERINI, 259, SÃO MIGUEL PAULISTA
(11) 2956 2449
SEGUNDA A SEXTA, 14h/22h, E
SÁBADO, DAS 14h ÀS 18h
COORDENADOR **SACHA ARCANJO**

OFICINA DE **ARTES CIRCENSES**
7/7 a 28/7, segundas e quartas, 18h45/ 21h45
Adolescentes e adultos. Serão trabalhadas técnicas básicas de solo, como cambalhotas, paradas e pirâmides, além de malabares e equilíbrio com perna de pau e monociclo. Ângela Garcia e Leandro Hoehne coordenam a atividade. No dia 5, das 20h às 21h, o espetáculo *Numa Roda* (70 vagas) explora o tema, ao retratar dois palhaços recém-demitidos.
Inscrições até 4/7. 15 vagas.

OFICINA DE **DANÇA AFRO**
7/7 a 28/7 (segunda e quarta, 19h45/21h45)
Adolescentes e adultos. A oficina pretende propiciar o contato com danças e manifestações artísticas com raízes culturais africanas. A coordenadora é a dançarina Solange Camargo. No dia 5, das 20h30 às 21h30, o espetáculo *Negra Raiz* apresenta um pouco do clima da atividade para o público (25 vagas).
Inscrições até 2/7. 15 vagas.

OFICINA DE **PERCUSSÃO**
6/7 a 29/7 (terça e quinta, 18h45/21h45)
Adolescentes e adultos. Os participantes têm a chance de entrar em contato com ritmos como o bumba meu boi, o coco, a catira e a ciranda. Os instrumentos usados serão: alfaia, ganzá, triângulo, caixa, onça e zabumba. A coordenadora é a percussionista Lucila Poppi. No dia 1º, das 19h30 às 20h30, os interessados podem conhecer um pouco da oficina no *pocket show Brasilabaque Junino*.
Inscrições até 30/6. 15 vagas.

OFICINA CULTURAL
MAESTRO JUAN SERRANO
RUA JOAQUIM PIMENTEL, 200, VILA BRASILÂNDIA
(11) 3994 3362
SEGUNDA A SEXTA, 8h/19h, E
SÁBADO, 13h/18h
COORDENADOR **MARIO CALICCHIO**

OFICINA DE **CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MANIPULAÇÃO DE FANTOCHES**
1/7 a 23/7 (quarta e quinta)
Local: Biblioteca Pública Érico Veríssimo. **Rua Diógenes Dourado, 101, Taipas Crianças e adolescentes.** Estimular o imaginário dos participantes por meio da manipulação de fantoches. Como forma de expressão, narrar fatos, recriar acontecimentos e contar histórias. Coordenado pela pedagoga Alzira Pelais.
Inscrições até 30/6. 30 vagas.

AULA ABERTA DE **PERNA DE PAU**
15/7, 11h/12h
Local: Associação Central e Comunitária do Conjunto Habitacional Brasilândia B3. **Rua Vale do Sol, 59B, Taipas**
22/7, 11h/12h
Local: Instituto Beneficente Cultural José Kintinich **Rua Nossa Sra. da Conceição, 117, Jaraguá Crianças.** O objetivo é oferecer contato com diversos tipos de pernas de pau, além de estimular a criatividade de cada participante. Quem coordena é a artista circense Carol Reto. Das 10h às 11h, acontece o espetáculo *Do Outro Lado do Furo—uma História de Palhaços* (50 vagas).
Inscrições até 21/7. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL
OSWALD DE ANDRADE
RUA TRÊS RIOS, 363, BOM RETIRO
(11) 3221 5558 | 3222 2662
SEGUNDA A SEXTA, 8h/22h, E
SÁBADO, 10h/18h
COORDENADOR INTERINO
VALDIR RIVABEN

WORKSHOP
A FOTOGRAFIA E SUAS INTERPRETAÇÕES
VER PÁG. 22

OFICINA **WEARABLE-HOME: OCUPANDO UMA VESTIMENTA**
VER PÁG. 28

CICLO DE PALESTRAS
A OBRA DE SCHILLER
5/7, 12/7, 19/7 e 26/7 (segunda, 19h/21h30)
Adultos. Encontros sobre a obra de Friedrich von Schiller e temas correlatos à heroína Joana D' Arc, traçando um paralelo com os dias atuais. O coordenador do ciclo é Mario Vitor Santos, diretor da Casa do Saber e analista da *Folha de S.Paulo*.
Inscrições até a data do encontro. 400 vagas (100 por sessão).

OFICINA **DA PALAVRA**
CASA MÁRIO DE ANDRADE
RUA LOPES CHAVES, 546, BARRA FUNDA
(11) 3666 5803 | 3826 4085
SEGUNDA A SEXTA, 13h/22h, E
SÁBADO, 10h/14h
COORDENADORA **ROSA ARTIGAS**

WORKSHOP DE **INTERPRETAÇÃO**
21/7, 20h/21h
Adolescentes e adultos, com conhecimento básico em teatro. O objetivo é apresentar o texto inédito *Comédia Russa*, de Pedro Brício, e desenvolver algumas habilidades para interpretação do texto. À noite, das 20h às 21h, os participantes do workshop farão parte do elenco da leitura dramática do texto, aberto para o público (30 vagas). Coordenação de Lavinia Pannunzio.
Inscrições até 20/7. 15 vagas.

PROJETO PALAVRA NA TELA
CICLO DE DEBATES SOBRE **FORMAÇÃO CULTURAL A DISTÂNCIA**
5/7 a 8/7, 19h30/21h30
Adolescentes e adultos. A série de debates reúne especialistas para trocar ideias sobre como a Internet pode ser útil para a formação na área de arte e cultura. Os temas são Formação Cultural a Distância e Ensino Superior (dia 5/7), Formação Cultural a Distância e Mídias Sociais (6/7), Formação Cultural a Distância e Inclusão Digital (7/7) e Formação Cultural a Distância e Formação Profissional (8/7). A coordenação é de André de Abreu, mestrando em Tecnologias da Comunicação e Redes Interativas pela Escola de Comunicações e Artes de São Paulo (ECA/USP), e Fábio Cardoso, jornalista cultural e professor da Universidade Anhembi Morumbi.
Inscrições até o dia anterior a cada debate. 30 vagas por sessão.

INTERIOR E LITORAL

OFICINA CULTURAL
ALTINO BONDESAN
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
AVENIDA OLIVO GOMES, 100,
SANTANA
(12) 3923 4860 | 3942 3687
SEGUNDA A SEXTA, 9h/21h30, E
SÁBADO, 14h/18h
COORDENADOR **WASHINGTON FREITAS**

CICLO DE PALESTRAS SOBRE
ARTE CONTEMPORÂNEA
“MANIFESTA 2010”

VER PÁG. 8

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA
MONITORIA ESPONTÂNEA

VER PÁG. 8

WORKSHOP DE TEATRO
**NOVAS PERSPECTIVAS DO
TEATRO CONTEMPORÂNEO**
17/7 (sábados, 13h/16h e 16h30/19h30)
Adultos, com conhecimento intermediário.
O workshop visa desenvolver o
conhecimento e reflexões (históricas e
filosóficas) sobre novas formas de fazer e
ver o teatro contemporâneo. À frente da
atividade está o artista plástico Marcelo
Denny, professor do Departamento
de Artes Cênicas da Escola de
Comunicações e Artes, da Universidade
de São Paulo (ECA/USP)
Inscrições até 16/7.
Seleção: carta de interesse. 30 vagas.

CAMPOS DO JORDÃO

INTERATIVIDADE NOS VAGÕES—ANO III
15/7 a 18/7 (dia 15, 11h/13h e 14h/20h;
de 16 a 18, 9h/12h e 13h/18h)
Local: Praça do Capivari, s/nº
Interessados em geral. O projeto
consiste na exposição de duas
instalações audiovisuais. Em 15/7, das 9h
às 11h, acontece a palestra *Discussões
sobre os Novos Mercados do Audiovisual.*
A coordenação é de César Baio, doutor
em Comunicação e Semiótica, e Tatiana
Baruel, jornalista.
Inscrições para a palestra até 10/7.
30 vagas.

OFICINA CULTURAL
CANDIDO PORTINARI
RIBEIRÃO PRETO
PRAÇA ALTO DO SÃO BENTO, S/Nº,
JARDIM MOSTEIRO
(16) 3625 6161 | 3625 6970
SEGUNDA A SEXTA, 9h/18h, E
SÁBADO 9h/12h
COORDENADORA **FATU ANTUNES**

OFICINA DE CINEMA
PINTANDO O SET
1/7 a 29/7 (quinta, 14h/17h)
Crianças. De forma lúdica, as crianças
serão apresentadas à arte de fazer filmes.
Também irão participar de um
curta-metragem, atuando e envolvidos
na produção. A atividade será conduzida
pelo ator e cineasta Anderson Lima.
Inscrições até 29/6. 30 vagas.

OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
“CULTURA DA SUSTENTABILIDADE”
7/7 a 28/7 (quarta, 14h/17h)
Adolescentes. Serão exploradas
questões contemporâneas do meio
ambiente, como sustentabilidade
e relação entre homem e natureza
por meio de filmes comentados e de
artesanato com materiais reciclados.
A educadora ambiental Suellem Cristina
Sacamoto conduz a experiência.
Inscrições até 5/7. 30 vagas.

PROSA DOS SABERES—JULHO

VER PÁG. 26

BARRETOS

AULA ABERTA
**TÉCNICAS PARA CONTADORES DE
HISTÓRIAS: LENDAS LOCAIS**
26/7, 9h/12h e 14h/17h.
**Local: Museu Histórico, Artístico e
Folclórico Rui Menezes**
Avenida 17, 311, Praça Francisco Barreto.
Adultos iniciantes. Abordagem de
tópicos referentes ao contador de
histórias, elementos e estrutura da
narrativa, formas de apresentação das
histórias como ferramentas para a
contação. Conduzido pela arte-educadora
Poliana Savegnago.
Inscrições até 24/7. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL
CARLOS GOMES
LIMEIRA
LARGO DA BOA MORTE, 11, CENTRO
(19) 3442 9857 | 3495 1028
SEGUNDA A SEXTA, 10h/21h30;
SÁBADO E DOMINGO, 14h/18h
COORDENADOR **ROBSON TRENTO**

WORKSHOP DE **ESCULTURA**
10/7 a 31/7 (sábado, 14h/18h)
**Adolescentes e adultos, com
conhecimento intermediário.**
O workshop proporcionará a
percepção do tridimensional, através
do conhecimento de várias técnicas
e das possibilidades da escultura
contemporânea. O coordenador é o
artista plástico Osvaldo Piva.
Inscrições até 9/7.
Seleção: carta de interesse. 20 vagas.

OFICINA DE FOTOGRAFIA:
**DO EQUIPAMENTO AO TRATAMENTO
DIGITAL E IMPRESSÃO**

VER PÁG. 22

WORKSHOP DE **TÉCNICAS CIRCENSES**
17/7, 14h/17h
**Adolescentes e adultos, com
conhecimento intermediário.** A atividade
vai promover vivência nas modalidades
clássicas circenses, com ênfase no lado
artístico.
À noite, a partir das 21h, o coordenador
do workshop, o ator Ricardo Fruque,
estará no espetáculo *Palhaçadas*, com
70 vagas disponíveis.
Inscrições até 16/7.
Seleção: carta de interesse. 20 vagas.

OFICINA CULTURAL
FRED NAVARRO
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
RUA CORONEL SPINOLA DE CASTRO,
5.084, IMPERIAL
(17) 3212 9235 | 3234 2405
SEGUNDA A SEXTA, 9h/18h, E
SÁBADO, 9h/13h
COORDENADORA **MARA LIMA**

EXIBIÇÃO DE VÍDEO E
AULA ABERTA SOBRE **ARTE NAÏF**
23/7, 18h30 às 21h30
Local: Museu de Arte Naïf
Rua Saldanha Marinho, 3125, Centro
Adolescentes e adultos. A atividade
retrata o desenvolvimento da Arte Naïf no
cenário regional. A coordenação cabe ao
artista plástico Fuzinelli, que irá ministrar
a aula aberta.
Inscrições até 21/7.
170 vagas (40 para a aula aberta).

PALESTRA
CAUSOS E COISAS CAIPIRAS E
AULA ABERTA SOBRE
CULTURA CAIPIRA
16/7, 18h30/21h30
Local: Centro de Tradição Caipira.
Rua Dr. Raul Silva, 1417, Nova Redentora
Adolescentes e adultos. O projeto
pretende apresentar aspectos da cultura
caipira, como seu modo de viver, sua
visão sobre o mundo e as coisas de
sua terra e sua gente. Jocelino Soares,
mentor da Escola Municipal de Artes de
São José do Rio Preto, conduz a sessão.
Inscrições até 14/7.
170 vagas (30 para a aula aberta).

MIRASSOL

AULA ABERTA
O MUSEU COMO ESPAÇO CULTURAL
1/7, 13h às 17h
Local: Museu Jezualdo D’Oliveira
Rua Rui Barbosa, 2170, Centro
Adolescentes e adultos. A pedagoga
Roseli Maria de Cuzzo Cury faz uma
abordagem cronológica sobre os
principais museus do Brasil, focando o
museu local.
Inscrições até 29/6. 40 vagas.

OFICINA CULTURAL
GERSON DE ABREU
IGUAPE
RUA XV DE NOVEMBRO, 522, CENTRO,
(13) 3841 4004
SEGUNDA A SEXTA, 8h30/21h, E
SÁBADO, 9h/11h E 14h/16h
COORDENAÇÃO **LEILA HORIGUTI**

OFICINA DE **ANIMAÇÃO COM
MASSA DE MODELAR**
5/7 a 27/7 (segunda, 15h/18h, e
terça, 9h/12h)
Crianças e adolescentes. A oficina
abrange a realização de uma animação
com temática advinda da cultura regional
de Iguape, desde a elaboração de um
roteiro, até modelagem de cenários e
personagens, gravação das imagens com
uma câmera fotográfica digital e edição.
O responsável é o produtor de vídeo
Daniel Rabanêa.
Inscrições até 3/7. 20 vagas.

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO
ANA PAZ E PALESTRA SOBRE
**A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO**

VER PÁG. 18

AULA ABERTA DE **FOTOGRAFIA**
10/7, 13h/18h
Adolescentes e adultos. A sessão
começa com uma visita à exposição
fotográfica *A Procura do Detalhe—Um
Olhar Diferente da Cidade de Iguape.*
O projeto busca estimular o olhar por
meio de aula expositiva, bem como com
atividade prática de reconhecimento
visual, atividade fotográfica na cidade
histórica de Iguape e exposição
fotográfica. O coordenador é
Cecil Ramos.
Inscrições até 10/7. 25 vagas.

OFICINA CULTURAL
GLAUCO PINTO DE MORAES
BAURU
RUA AMAZONAS, 1-41, VILA CORALINA
(14) 3231 1100 | 3281 3074
SEGUNDA A SEXTA, 9h/21h, E
SÁBADO, 8h/13h
COORDENADOR **PAULO ROGÉRIO
PEREIRA**

CAFELÂNDIA

AULA ABERTA DE
**CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS
COM MATERIAIS ALTERNATIVOS**
17/7, 14h/16h
**Local: Espaço Cultural Francisco
Paulovichi. Praça Beraldo Arruda, s/nº**
Crianças. A ideia é ensinar a
possibilidade de usar materiais
alternativos para construir brinquedos.
Antes de começar a aprender, o público
vê o espetáculo *Quem Conta é a Vovozinha*,
no qual os personagens descobrem as
antigas brincadeiras do tempo de sua avó.
A coordenação é da arte-educadora
Márcia Denise Maurício Corrêa.
Inscrições até 15/7.
30 vagas (espetáculo: 70 vagas).

BOCAINA

AULA ABERTA SOBRE
**A MECÂNICA DO CORPO E
SUAS POSSIBILIDADES**
24/7, 13h às 17h
**Local: Cine Jequitibá. Rua Quinze de
Novembro, 349, Centro**
Crianças e adolescentes. Antes da aula
de expressão corporal do ator Nilceu
Aparecido Bernardo, da Companhia
Teatral Atos e Cenas, está programado o
espetáculo *Quero a Lua*, baseado em obra
de Tatiana Belinky.
Inscrições até 23/7.
20 vagas (espetáculo: 80 vagas).

LINS

WORKSHOP DE
EXPRESSÃO CORPORAL
17/7 e 18/7, 9h/12h e 13h/16h
**Local: Clube Linense. Rua Voluntário
Vitorino Borges, 356, Centro**
**Adolescentes e adultos, com
conhecimento intermediário.** O objetivo
do publicitário José Francisco Gimenez
é trabalhar as qualidades do movimento,
criatividade, comunicação, improvisação,
o espaço e suas possibilidades. Esta
proposta busca a investigação do ser
através da expressão corporal.
Inscrições até 16/7.
Seleção: carta de interesse. 30 vagas.

INTERIOR E LITORAL

OFICINA CULTURAL GRANDE OTELO SOROCABA

PRAÇA FREI BARAÚNA S/Nº, CENTRO
(15) 3224 3377 | 3232 9329
SEGUNDA A SEXTA, 13h/21h30 E
SÁBADO, 13h/18h
COORDENADORA
BERNADETE S. A. PACHECO

OFICINA DE GRAFITE STÊNCIL ART URBANA

VER PÁG. 28

OFICINA DE DANÇA RITMOS DA PERIFERIA

VER PÁG. 28

POCKET SHOW ELEMENTOS DO HIP-HOP E AULA ABERTA HIP HOP EM MOVIMENTO

VER PÁG. 28

OFICINA A ESTÉTICA DO HIP HOP

VER PÁG. 28

WORKSHOP A DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA E O TRABALHO DO ATOR

26/7, 14h/17h e 18h/21h
Adulto com conhecimento intermediário.
Propõe o exercício do trabalho do ator
por meio de trechos do texto *A Cela*, de
Michel Azama. A coordenadora é a atriz e
diretora Ângela Barros.
Inscrições até 22/7. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL GUIOMAR NOVAES SÃO JOÃO DA BOA VISTA

RUA PRUDENTE DE MORAES, 174,
CENTRO
(19) 3633 7850
SEGUNDA A SEXTA, 9h/21h E SÁBADO,
14h/18h
COORDENADOR
CARLOS AUGUSTO CASTILHO

APRESENTAÇÃO DO LIVRO A HISTÓRIA DO FUTEBOL EM SÃO JOÃO DA BOA VISTA: 1905 A 2009 E PROCESSO DE CRIAÇÃO

3/7, 16h/20h
Adolescentes e adultos. O autor do livro,
o ex-jogador de futebol e cronista esportivo
Leivinha, vai apresentar seu trabalho de
construção da narrativa e a seleção das
imagens inseridas na publicação.
Inscrições até 1/7. 30 vagas.

POCKET SHOW AS MAIS CLÁSSICAS DA VIOLA CAIPIRA E AULA ABERTA SOBRE A MÚSICA CAIPIRA BRASILEIRA

21/7, 17h45/21h45
Adolescentes e adultos. As atividades
contarão a história da música caipira
brasileira, especialmente focada na viola
caipira. O violeiro Vinicius Alves
conduz a sessão.
Inscrições até 19/7. 30 vagas.

VISITA MONITORADA AO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA E AULA ABERTA SOBRE O VALOR DA PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

22 e 23/7, 13h30/17h30
Adolescentes e adultos. A primeira
atividade é a visita ao museu que conta a
história da cidade (Rua Benedito Araújo,
44, sala 1, Centro). Especialista em
patrimônio histórico municipal, Hediene
Zara é quem vai conduzir os alunos e dar
a aula aberta.
Inscrições até 20/7. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL HILDA HIST CAMPINAS

RUA FERREIRA PENTEADO, 1.203,
CAMBUÍ
(19) 3294 2212 | 3236 0046
SEGUNDA A SEXTA, 9h/17h
COORDENADOR
FÁBIO LUCHIARI

SEMINÁRIO DE GESTÃO CULTURAL

VER PÁG. 14

OFICINA SURREALISMO E CINEMA: DE DALÍ E BUÑUEL AO CINEMA ATUAL

5/7 a 28/7 (segunda e quarta,
das 14h às 17h)
Adolescentes e adultos. A oficina
possibilitará o conhecimento sobre o
Movimento Surrealista e sua influência
no cinema, além de instruir sobre as
etapas de elaboração e produção em
um laboratório prático. Serão realizados
exercícios cinematográficos a partir de
tecnologias alternativas.
O coordenador é o publicitário, designer
gráfico e desenhista Igor Capelatto.
Inscrições até 2/7. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL LÉLIA ABRAMO ARARAQUARA

RUA ANDRELINO ALVES PINTO, 170,
JARDIM FLORIDIANA
(16) 3324 3946 | 3324 8783
SEGUNDA A SEXTA, 9h/18h, E
SÁBADO, 9h/12h
COORDENADOR JOÃO BATISTA

AULA ABERTA SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO O MISTÉRIO

23/7, 16h/19h
Adolescentes e adultos. Bate-papo
sobre o processo utilizado pelo grupo
teatral Boca de Cena na criação de seus
espetáculos, personagens, figurinos e
cenários.
À noite, das 19h30 às 20h30, a peça
O Mistério vai ser apresentado ao público
(100 vagas).
Inscrições até 22/7. 30 vagas.

PRADÓPOLIS

WORKSHOP OFICENAS
31/7, 16h/19h
Local: Biblioteca Municipal de
Pradópolis. Rua Sete de Setembro, 165
Adolescentes e adultos, com
conhecimento intermediário. Aborda
desde o aquecimento corporal e vocal,
com técnicas criadas pelo Grupo Urucum
de Teatro Experimental, passando
pela análise de textos e músicas até o
processo de experimentação das cenas.
Às 19h30, os atores que promoveram a
atividade encenam para o público geral
(100 vagas) o espetáculo *Marias de Deus*.
Inscrições até 29/7. 30 vagas.

TRABIJU

WORKSHOP CONTOS E ENCANTOS
10/7, 16h/19h
Local: Centro de Eventos.
Rua Nove de julho, 141, Centro
Adolescentes e adultos, com
conhecimento intermediário. O objetivo
é despertar o contador de histórias de
cada participante.
Às 19h30, o Grupo Olhos D'Arte, que
coordena a sessão, apresenta cantigas,
trava-línguas, brincadeiras e poesias em
Histórias que Cabem na Mala (100 vagas).
Inscrições até 7/7. Seleção: Carta de
interesse. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA SÃO CARLOS

RUA SÃO PAULO, 745, CENTRO
(16) 3372 8882 | 3372 9624
SEGUNDA A SEXTA, 13h/21h30, E
SÁBADO, 13h/18h
COORDENADORA
MARIA INEZ CORNICELLI BOTTA

WORKSHOP DE CLOWN – TÉCNICAS DE PALHAÇO

13/7, 17h45/21h45
Adolescentes e adultos, com
conhecimento intermediário. A oficina
busca incentivar o interesse em conhecer
a arte do palhaço. O coordenador da
sessão é o ator Reinaldo Facchini.
Inscrições até 10/7.
Seleção: carta de interesse. 30 vagas.

WORKSHOP DE
DANÇA CONTEMPORÂNEA
2/7 a 30/7 (terça e sexta, 19h30/21h30)
Adolescentes e adultos. O objetivo é
desenvolver uma linguagem corporal
a partir da movimentação do próprio
aluno, fazendo um grande laboratório em
pesquisa e estudo do movimento na dança.
O professor de dança Marcos Ramos
coordena a atividade.
Inscrições até 30/6.
Seleção: carta de interesse. 20 vagas.

AULA ABERTA DE HISTÓRIA DO MARACATU

2/7, 18h/21h
Adolescentes e adultos. O líder
do grupo de maracatu Rochedo de
Outro, Chico Simões, explicará as
raízes, particularidades, diferenças
e fundamentos dessa manifestação
cultural de origem maranhense.
Após a explanação, está programada uma
apresentação dele e de seus parceiros.
Inscrições até 1/7. 80 vagas.

OFICINA CULTURAL PAGU SANTOS

PRAÇA DOS ANDRADAS, S/Nº,
CENTRO
(13) 3219 2036 | 3219 1741
SEGUNDA A SEXTA, 13h/22h, E
SÁBADO, 9h/18h
COORDENADORA
MÔNICA TRANJAN REAL

OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

2/7 a 30/7 (quarta e sexta, 18h45/21h45)
Adolescentes e adultos. Explorando a
oralidade, a oficina resgata a tradição da
conta de história, com o objetivo de
trabalhar a imaginação, ativar a memória
e incentivar e fomentar a leitura.
O coordenador é o diretor teatral
Fernando Lucio Ferreira da Silva Rino.
Inscrições até 1/7. 30 vagas.

SARAU 100 ANOS PAGU MULHER

VER PÁG. 20

BERTIOGA

OFICINA DE CIRCO:
ACROBACIAS DE SOLO & ACROBALANCE
10/7 a 31/7 (sábado, 9h/12h e 13h/16h)
Local: Casa da Cultura de Bertioiga.
Avenida Tomé de Souza, 130, Centro
Crianças, adolescentes e adultos.
A atividade trabalhará a linguagem
circense, somadas a técnicas acrobáticas
e consciência corpórea.
O acrobata Daniel de Almeida Bravo
conduzirá a experiência.
Inscrições até 9/7. 30 vagas.

INTERIOR E LITORAL

OFICINA CULTURAL

SILVIO RUSSO ARAÇATUBA

RUA CONS. OSCAR RODRIGUES
ALVES, 169
(18) 3625 5357 | 3441 1488
SEGUNDA A SEXTA, 9h ÀS 17h
COORDENADOR **PAULO DE CARVALHO**

WORKSHOP

A PERCEPÇÃO E O OLHAR FOTOGRÁFICO

8/7, 9h/12h e 14h/17h

Adolescentes e adultos, com conhecimento intermediário.

O workshop consiste no desenvolvimento do olhar para uma aprendizagem focada na observação de forma que esse olhar seja traduzido para a fotografia. A coordenação é da artista plástica e fotógrafa Fernanda Russo.

Seleção: carta de interesse. Inscrições até 7/7. 15 vagas.

OFICINA DE LITERATURA

UMA ABORDAGEM DA POÉTICA DE ROBERTO PIVA

10/7 a 31/7 (sábado, 14h/17h)

Adolescentes e adultos.

A oficina apresentará os poemas de Roberto Piva e seus colegas de movimento literário. O projeto abrangerá não só a produção paulista de poesia dos anos 1960, mas a poesia beat norte-americana e a surrealista francesa. O coordenador é o poeta Gustavo Petter.

Inscrições até 9/7. 20 vagas.

PENÁPOLIS

CICLO DE FILMES COMENTADOS

ZEITGEIST E A SAGA DO HERÓI RELUTANTE

8/7, 9h/13h

Local: Centro Cultural

Doutor Bráulio Camargo.

Praça Nove de Julho, 150, Centro

Adolescentes e adultos. O ciclo mostrará como os filmes, em linhas gerais, seguem a ideia da saga do herói relutante, relacionando-os com nossa cultura e cotidiano. O roteirista Lucas Casella coordena a atividade.

Inscrições até 7/7. 20 vagas.

OFICINA CULTURAL

TARSILA DO AMARAL MARÍLIA

AVENIDA SAMPAIO VIDAL, 245
(PISO SUPERIOR DA BIBLIOTECA MUNICIPAL), CENTRO
(14) 3453 5660

SEGUNDA A SEXTA, 9h/21h30
COORDENADORA

MILENA DEGANUTI DE MELLO

WORKSHOP DE

DANÇAS AFRICANAS

3/7 a 25/7 (sábado e domingo, 14h/17h)

Adultos, com conhecimento intermediário.

O objetivo é aliar o movimento e o canto, desenvolver a expressão corporal, ritmo e coordenação motora, e proporcionar o contato com os diversos aspectos da cultura afro-brasileira. O coordenador é o coreógrafo Lincoln Luiz Lattari.

Inscrições até 2/7.

Seleção: currículo e carta de interesse. 30 vagas.

MARÍLIA

WORKSHOP DE

CHARGES E CARTUNS

5/7 a 21/7 (segunda e quarta, 18h30/21h30)

Local: Espaço Cultural e de Lazer

Ezequiel Bambini.

Avenida Sampaio Vidal s/nº

Adolescentes e adultos, com conhecimento intermediário.

Conduzido pelo artista gráfico Jessé Ribeiro, a atividade propõe aprimorar os conhecimentos das técnicas de charges e cartuns, além de noções teóricas que envolvem essa arte.

Inscrições até 2/7.

Seleção: carta de interesse. 30 vagas.

JÚLIO MESQUITA

OFICINA DE TÉCNICA VOCAL PARA CANTO CORAL

3/7 a 31/7 (sábado e domingo, 19h/21h)

Local: E.E. José Carlos Monteiro.

Rua 7 de Setembro, 967, Centro

Terceira idade. A oficina orientará a prática e a técnica vocal para cantores sem experiência. O coordenador é Alexandre Souto Mascaro, diretor da Associação Canto em Qualquer Canto.

Inscrições até 2/7. 30 vagas.

OFICINA CULTURAL

TIMOCHENCO WEHBI PRESIDENTE PRUDENTE

AVENIDA MANOEL GOULART, 2.109,
ANEXO 1, VILA SANTA HELENA
(18) 3222 3693 | 3221 2959

SEGUNDA A SEXTA, 9h/18h, E
SÁBADO, 8h/12h

COORDENADOR **PAULO BRASIL**

DRACENA

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO

A SERPENTE, COM AULA ABERTA

17/7, 18h30/21h30

Local: Secretaria de Cultura. Avenida José Bonifácio, 925

Adolescentes e adultos. Com um único ato, *A Serpente* se desenrola a partir da história de duas irmãs que se casam no mesmo dia e vão morar juntas. A aula aberta abordará o processo de pesquisa e montagem do espetáculo. A coordenação é de Denílson Biguete, coordenador do Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente.

Inscrições até 16/7.

100 vagas (30 para a aula aberta).

PRESIDENTE EPITÁCIO

OFICINA DE PERCUSSÃO

O SAMBA E A COMUNIDADE

2/7 a 21/7 (segunda, quarta e sexta, 14h/17h)

Local: Departamento de Cultura Rua São

Paulo, 5-45, Complexo Administrativo

Crianças, adolescentes e adultos.

O projeto tem a proposta de oferecer

aos interessados a formação inicial do ritmista a partir do conteúdo teórico e prático. O responsável pela oficina é Jean Nascimento, maestro da Banda Marcial de Presidente Epitácio.

Inscrições até 2/7. 80 vagas.

TUPI PAULISTA

OFICINA DE

INICIAÇÃO AO AUDIOVISUAL

2/7 a 21/7 (segunda, quarta e sexta, 18h/21h)

Local: Centro Cultural.

Rua Dom Pedro II, 357, Centro

Adolescentes e adultos. Os participantes terão contato com conhecimentos básicos sobre roteiro e técnicas de filmagem, visando a uma produção audiovisual. Josué Mathias, da TV Educativa de Tupi Paulista, coordena a atividade.

Inscrições até 2/7. 30 vagas.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

ALBERTO GOLDMAN
Governador do Estado

ANDREA MATARAZZO
Secretário de Estado da Cultura

RONALDO BIANCHI
Secretário Adjunto

SERGIO TIEZZI
Chefe de Gabinete

CARLA ALMEIDA CARVALHO
Coordenadora da Unidade de Formação Cultural



LORENZO MAMMI
Diretor Executivo

BEATRIZ MATTA
Diretora de Planejamento e
Desenvolvimento Institucional

CELENI MARES
Diretora Financeira

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

EDUARDO LIMA
ELIAS GOMES
ELISABETE MACHADO
JULIA BERGAMASCO
RENATA ABREU

ESTA REVISTA É UMA
PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO
AMIGOS DAS OFICINAS CULTURAIS
DO ESTADO DE SÃO PAULO
REALIZADA EM MAIO DE 2010

DIREÇÃO DE ARTE, TRATAMENTO DE
IMAGENS E ILUSTRAÇÃO DA CAPA
VICENTE GIL ARQUITETURA DESIGN
GRÁFICA
PHABRICA DA IMPRESSÃO
TIRAGEM
40.000 EXEMPLARES.
REVISÃO
TODOTIPO EDITORIAL
JORNALISTA RESPONSÁVEL
EDUARDO LIMA

CONTATO E SUGESTÕES:
COMUNICACAO@ASSAOC.ORG.BR

